CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA - UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

ALEXANDRA EVANGELISTA DE LIMA

ESCOLA EM COMUNIDADE COM SOCIABILIDADE VIOLENTA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA EDUCAÇÃO EM COMUNIDADE INSERIDA NAS NOVAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Rio de Janeiro
2022

Alexandra Evangelista de Lima

ESCOLA EM COMUNIDADE COM SOCIABILIDADE VIOLENTA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA EDUCAÇÃO EM COMUNIDADE INSERIDA NAS NOVAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores:
Profª. Regina Celia Pereira de Moraes, DSc.
Prof. Marcos Antônio, MSc.

Rio de Janeiro
2022

ALEXANDRA EVANGELISTA DE LIMA

ESCOLA EM COMUNIDADE COM SOCIABILIDADE VIOLENTA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA EDUCAÇÃO EM COMUNIDADE INSERIDA NAS NOVAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram de forma remota desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES
Data: 09/02/2023 18:28:47-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

_____

Profa. Regina Celia Pereira de Moraes, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa**.** Rosa Lidice de Moraes Valim, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Maria Verônica Rodrigues da Fonseca, D. Sc. (FTESM)

Profa. Patrícia Marciano de Oliveira, M. Sc. (CEDERJ)

Rio de Janeiro

2022

L732e Lima, Alexandra Evangelista de
Escola em comunidade com sociabilidade violenta: um estudo etnográfico de educação em comunidade inserida nas novas plataformas digitais / Alexandra Evangelista de Lima. Rio de Janeiro, 2022.
70 f.

Orientador: Regina Célia Pereira de Moraes
Coorientador: Marcos Antônio Silva
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2022.

1.Escola pública. 2.Sociabilidade violenta. 3. Ensino remoto. 4. Novas Tecnologias digitais. I. Moraes, Regina Célia Pereira de, prof. orient. II. Silva, Marcos Antônio, prof. coorient. III. Título.

CDD 371.344

RESUMO

Este trabalho traz um estudo sobre a educação nas escolas públicas inseridas no contexto das comunidades que tem sua rotina cotidiana atravessada pelo infortúnio dos conflitos armados. Não são raros os casos de conflitos que se acirram, a ponto de provocar o fechamento das escolas por dias a fio. Dados os casos, a rotina dessas escolas em questão passa por sucessivas adaptações e readaptações do seu planejamento durante o ano letivo. Professores e alunos constantemente são surpreendidos pelos confrontos no decorrer dos dias de aula, ou mesmo antes do horário da abertura das Unidades Escolares, impedindo que elas abram e recebam o público. Por isso, traz como objetivo geral, promover o Projeto “Com licença Violência, Eu Quero Estudar!” a partir do Plano de Aula MÃE - Plano de Aula Emergencial - que integre às aulas presenciais através das tecnologias digitais possibilitando assim, manter o período letivo e o desenvolvimento do Currículo em dias de confronto armado no entorno das escolas de Ensino Fundamental do município do Rio de Janeiro. Para tanto, a metodologia usada embasou-se na Pesquisa Qualitativa, com características de um estudo descritivo e etnográfico, que possibilita conhecer a cultura e o comportamento do grupo de indivíduos que formam uma comunidade no entorno das escolas.

PALAVRAS-CHAVES: Escola pública; Sociabilidade violenta; Ensino Remoto; Novas tecnologias digitais.

ABSTRACT

This work presents a study on education in public schools inserted in the context of communities whose daily routine is crossed by the misfortune of armed conflicts. It is not uncommon for conflicts to escalate to the point of causing schools to close for days on end. Given the cases, the routine of these schools in question goes through successive adaptations and readaptations of their planning during the school year. Teachers and students are constantly surprised by confrontations during the school days, or even before the opening time of the School Units, preventing them from opening and receiving the public. Therefore, it has as a general objective, to promote the Project “With license to Violence, I want to study!” from the MÃE Class Plan - Emergency Class Plan - which integrates face-to-face classes through digital technologies, thus making it possible to maintain the school period and the development of the Curriculum on days of armed confrontation in the surroundings of Elementary Schools in the municipality of Rio of January. Therefore, the methodology used was based on Qualitative Research, with characteristics of a descriptive and ethnographic study, which makes it possible to know the culture and behavior of the group of individuals who form a community around the schools.

KEYWORDS: Public school; Violent Sociability; Remote Teaching; New Digital Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Desenho da Pesquisa.

Figura 2. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - o aplicativo Play Games baixado no smartphone.

Figura 3. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - seleção do jogo Bonecóptero.

Figura 4. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - seleção da câmera.

Figura 5. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Configurações - 720p HD.

Figura 6. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico – Comandos.

Figura 7. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Imagem em tempo real.

Figura 8. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Habilidades planejadas.

Figura 9. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - ajuste do círculo.

Figura 10. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico – Gravação.

Figura 11. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - vídeo salvo na galeria.

Figura 12. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - fechando o aplicativo Play Game.

Figura 14. Atividade do ‘Plano de Aula Emergencial’.

Figura 15. Atividade do ‘Plano de Aula Emergencial’.

Figura 16. Atividade do “Plano de Aula Emergencial”.

Figura 17. Grupos no Whatsapp por turma – estreitando laços.

Figura 18. Reunindo os responsáveis – esclarecendo sobre o Projeto.

Figura 19. Avaliação – Roda de conversas.

Figura 20. Questionário Avaliativo – a experiência com o Projeto.

Figura 21. Capa do e-book.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Sobre o acesso dos alunos do 5º ano, na implementação do projeto “com licença violência, eu quero estudar!”.

Gráfico 2. Devolutiva da atividade da aula remota pelos alunos do 5º ano, na implementação do projeto “com licença violência, eu quero estudar!”.

Gráfico 3. Devolutiva do dispositivo para a aula remota dos alunos do 5º ano, na implementação do projeto “com licença violência, eu quero estudar!”.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMS – Acesso Mais Seguro

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CICV – Comitê Internacional da Cruz vermelha

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FGV (DAPP) – Fundação Getúlio Vargas Diretoria de Análise de Políticas Públicas

FGV EAESP – Fundação Getúlio Vargas Escola de Administração de Empresas de São Paulo

FGVcia – Fundação Getúlio Vargas Centro de Tecnologia Aplicada

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RCLE – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

SME – Secretaria Municipal de Educação

TALE -- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UEs – Unidades Escolares

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. BASES DA PESQUISA 13
2.1. Caracterização do problema 13
2.2. Objetivos 15
2.2.1 Objetivo geral 15
2.2.2 Objetivos específicos 16
3. REFERENCIAL TEÓRICO 17
3.1 Da primeira favela às escolas dentro delas 17
3.2 A BNCC e a educação de alunos moradores em territórios favelizados 18
3.3 As tecnologias digitais no âmbito da educação em comunidades de sociabilidade violenta 19
3.4 A gestão em escolas inseridas em comunidades de sociabilidade violenta 20
4. METODOLOGIA 22
4.1 Desenhos da pesquisa 22
4.2. Fases da metodologia 25
4.3 Métodos – abordagens técnicas instrumentos e aplicativos 26
4.4.Riscos 29
4.5.Benefícios 29
5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS 30
5.1 Projeto “Com licença violência, eu quero estudar!” - desenvolvimento do roteiro pedagógico na construção do modelo plano de aula mãe – o “plano de aula emergencial” 30
5.2 A preliminar de campo do aplicativo *play game* 32
5.3 Operacionalizando o aplicativo *play games* 33
5.4 Coletas de dados na roda de conversas com os professores 43
5.5 Implementação do projeto “Com licença violência, eu quero estudar” – o plano de aula emergencial 50
5.6 Avaliação do ensino-aprendizagem após o projeto “Com licença violência, eu quero estudar!” 53
5.7 Avaliação do projeto “Com licença violência, eu quero estudar!” - a construção do modelo do “plano de aula emergencial.” 55
5.8 Construção do e-book 58
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 61
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS 67

1. INTRODUÇÃO

As linhas iniciais que tecem a introdução da presente Pesquisa mesclam experiências pessoais, bem como profissionais. Ambas as experiências têm como cenário o município do Rio de Janeiro. É comum de quem vive no Rio de Janeiro ler ou ouvir nos noticiários os intensos confrontos armados nas comunidades com sociabilidade violenta. Os grupos criminosos armados que atuam para conquistar o controle territorial na cidade e a tentativa dos agentes de segurança do Estado para conter esses grupos, ocasionam confrontos que interferem na estrutura social da população que vive dentro e nas proximidades dessas comunidades.

As crianças e os jovens ficam sem poder ir à escola, os professores não conseguem chegar e a escola deixa de cumprir o seu papel primordial de ensinar. Como cumprir as metas da BNCC? De que forma mitigar estas questões tão delicadas e ao mesmo tempo complexas, tecidas nesta realidade de escolas que se situam em territórios favelizados?

Soma-se a esta realidade todo o risco à vida, que é o problema de maior gravidade neste cenário descrito, entretanto, para além dele, outros inúmeros problemas acometem as UEs. - Unidades Escolares alocadas nessas comunidades específicas. Dentre eles, a suspensão do dia ou consecutivos dias letivos, onde algumas, dada a recorrência dos casos, adotam a prática de contabilizar os dias letivos perdidos em virtude da violência.

Diante da preocupante situação corriqueira de dispensa das aulas, se fez necessário buscar as possibilidades para a garantia do Currículo e dos dias letivos assegurados por Lei às Unidades Escolares de nosso país.

Esta pesquisa desenvolveu-se na Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, situada em uma comunidade com sociabilidade violenta, na qual é surpreendentemente comum planejar a prática pedagógica sem a certeza de aplicá-la nos dias planejados. Apresentação de Projetos, conclusão de atividades, enfim qualquer ação planejada, com datas determinadas, constantemente é desfeita com o gosto amargo dos tiros, do pânico e da decepção. Incontáveis vezes o expediente foi encerrado planejando que no dia seguinte concluiria alguma ação e simplesmente, no outro dia, não houve a possibilidade de entrar na comunidade por conta dos confrontos.

Percebe-se nessa situação vivenciada tantas vezes o quanto se perde. Na

verdade, queremos educar com afeto e amor, mas nesta escola tentamos sobreviver - gestor, professores, equipe de apoio e alunos - durante todo ano letivo em assustadores confrontos entre tráfico com tráfico e tráfico com os agentes de segurança do Estado, resultando na terrível perda pedagógica.

Enquanto buscamos meios de “proteção” para não sermos pegos de surpresa caso esteja havendo confronto, recorre-se à tecnologia digital através dos grupos de Whatsapp - responsável com a direção, direção com a Associação de Moradores, direção com a equipe pedagógica e equipe pedagógica com os responsáveis. Por que não se busca meios para não sermos pegos de surpresa pedagogicamente?

São notórias as implicações dos confrontos estabelecidos no entorno das escolas situadas em comunidades com sociabilidade violenta. Enquanto nuvem de pensamentos visualiza várias implicações, a suspensão das aulas incomoda de forma doída. Testemunhar centenas de alunos voltarem para suas casas com a decepção de mais um dia sem aula, arrancando deles, mesmo que não compreendam a importância, a oportunidade de terem mais um dia emergido no espaço das possibilidades e do conhecimento, é no mínimo cruel, além de contra a Lei que assegura efetivo dia letivo.

Ao refletir sobre as possibilidades da garantia do Currículo e dos dias letivos assegurados por Lei aos estudantes que estão inseridos nas escolas com entorno violento, mensurou-se que as Novas Tecnologias Digitais gerem “produtos” (meios) que possam nortear às ações dessas escolas, de forma a contribuir com o desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” que visiona criar possibilidades pedagógicas.

Devido as Novas Tecnologias Digitais estarem cada vez mais presentes na vida do aluno, propô-la como um mecanismo para o alcance do escopo da Pesquisa, foi como estar no curso inevitável e necessário da inserção das tecnologias digitais no ambiente escolar.

As Novas Tecnologias Digitais se apresentam como uma ponte entre a escola e os alunos. Elas se referem aos dispositivos eletrônicos e tecnológicos, como computador, internet, tablet, smartphone e qualquer outro dispositivo que permita a navegação na internet (COSTA, 2014). Vivencia-se uma sociedade organizada com seu cotidiano funcionando em torno das Novas Tecnologias Digitais.

Os dados apresentados em 2020 pelo Centro de Tecnologia de Informação

Aplicada da Fundação Getúlio Vargas (FGVcia) e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP) que integra a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia revelou que “há 424 milhões de dispositivos digitais - computador, notebook, tablet e smartphone -, em uso no Brasil.” (MAGALHÃES, 2020) . Nestes dados evidencia-se por serem 1,6 dispositivos por habitantes, a potência do alcance na comunicação, a interação e a aprovação expressiva de seu uso pela sociedade.

As Novas Tecnologias Digitais apresentam a informação e diferentes maneiras para interagir e comunicar de forma prática, proporcionando novas possibilidades de aprender em contextos variados (KENSKI, 2003). Revela-se como construtoras de aprendizagens no desenvolvimento cognitivo humano. (LALUEZA, CRESPO & CAMPS, 2010).

A junção das Novas Tecnologias Digitais no desenvolvimento das aprendizagens e a aceitação de seu uso pela sociedade faz de sua utilização assertada para as possibilidades do desenvolvimento de um produto que poderá ser a ponte que a escola com sociabilidade violenta precisa para atingir seu aluno quando é impedido de frequentar a aula presencialmente.

2. BASES DA PESQUISA

2.1. Caracterização do problema

O surgimento das favelas no município do Rio de Janeiro, comumente chamadas também de comunidades, teve início no começo do século XX com o projeto “bota abaixo” do prefeito e engenheiro Pereira Passos. Na época, a cidade, capital do Brasil, tinha estrutura colonial e abrigava quase um milhão de habitantes. Na reforma da cidade houve várias demolições, onde a população pobre, a mais atingida, teve que recorrer a outras regiões e morros para habitarem, surgindo assim, as favelas. (ABREU & VAZ, 1991).

Com o crescimento das favelas, por conta da migração, houve a necessidade de educar e “civilizar” os “favelados” no sistema público de educação. Com isso, foram construídos prédios escolares dentro das favelas ou nas proximidades, para os que, até então, não tinham acesso à educação formal.

Do contexto histórico das favelas para a atualidade, o crescimento populacional e geográfico das favelas cariocas foi exponencial, e com eles, igualmente a violência. De acordo com Velho (1996) a violência é a imposição de poder que vai além do físico, definindo um fenômeno social. Nesse movimento, amplia-se a denominação violência para sociabilidade violenta explicitada por Machado da Silva (2004) pela violência estar tão imersa na vivência do indivíduo ao ponto de afetar as relações sociais e o local a qual atua.

Neste sentido, as escolas inseridas em comunidades com sociabilidades violentas, onde ocorrem confrontos armados entre grupos de criminosos em seus jogos de poder e os agentes de segurança do Estado tentando intervir com frequentes operações, influenciam significativamente na vida dos moradores e, por conseguinte, nas experiências educacionais, ou seja, afeta as escolas que ali foram construídas dentro ou na proximidade das favelas.

O levantamento realizado em 2019 pela Secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro a pedido do núcleo jornalístico do Globo revela:

> um terço das unidades de sua rede — 504, de um total de 1.540 — fica em áreas consideradas críticas, onde confrontos entre policiais e bandidos se tornaram frequentes. Nelas, estão matriculados 168.139 estudantes e trabalham 14.139 servidores. (TORRES & WERNECK, 2019).

Sendo assim, não são raros os acontecimentos ocorridos com estudantes. Inúmeros relatos e noticiários denunciam as tragédias, como a de um menino no ano de 1993 alvejado ao ter sido colocado como escudo na troca de tiros; o da Maria Eduarda alvejada e morta na quadra da escola no ano de 2017 quando fazia aula de Educação Física; o do aluno Marcos Vinícius no ano de 2018 alvejado pelas costas indo para a escola.

Enquanto a sociedade lamenta as notícias de vidas encerradas tão brutalmente e precoce, a Secretaria Municipal de Educação viabiliza juntamente com a Cruz Vermelha estratégias, meios e recursos para amenizar os ricos que são submetidos a todos que vivem em escola com sociabilidades violenta, com o Programa AMS – Acesso Mais Seguro. Esse programa engloba não apenas os profissionais da educação, mas também os da saúde e assistência social, estabelecendo protocolos da Cruz Vermelha (CICV).

Contudo, mesmo com desenvolvimento de programas que procuram preservar a vida dos alunos, das alunas e profissionais, os confrontos estabelecidos no entorno das escolas com sociabilidade violenta interfere profundamente no cotidiano escolar como podemos observar no estudo realizado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV (DAPP) em parceria com o aplicativo Fogo Cruzado entre os anos de 2016 e 2017, ao demonstrar os impactos da violência armada nas salas de aula.

As escolas ao serem atingidas por esse tipo de violência em seu cotidiano trazem prejuízos imensuráveis para o aluno e a aluna, mas dentro do que se pode mensurar, está a realidade de milhares de alunos e alunas serem impedidos de frequentar a escola e usufruir de seu direito à educação assegurada pela Constituição Federal em seu artigo 205 e especificado pela LDBEN/96 que apresenta em seu artigo 24 inciso I: “a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver” (BRASIL, 1996).

Mediante a situação a qual está inserida, a escola em comunidade com sociabilidade violenta se vê obrigada a fechar, não há oferta de aula de aula presencial. E sem aula os dias letivos assegurados por Lei e o Currículo a ser desenvolvido não são garantidos. Fechar os olhos e seguir como não importasse os aspectos pedagógicos seria injusto para os milhares de estudantes que veem na

escola o desenvolvimento para uma vida melhor. “Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”. Esse provérbio árabe vai de encontro ao escopo deste Projeto. Se os alunos e as alunas são impedidos de estarem na escola, a escola em comunidade com sociabilidade violenta precisa criar estratégias para ir até os alunos e as alunas.

Buscar a compreensão da LDBEN/96 para amparar a discussão do escopo da Pesquisa se faz necessário, já que, conforme em seu Capítulo II, Seção I – Das Disposições Gerais, Artigo 23 determina em seu parágrafo 2 que “O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei.” (BRASIL, 1996). A flexibilidade é dada à escola e está prevista sim por Lei, dando a elas autonomia.

Neste contexto, o problema da Pesquisa trata do impedimento das aulas em escolas públicas localizadas em comunidades de sociabilidade violenta, pelos confrontos em seu entorno entre grupos de criminosos armados e os agentes de segurança do Estado.

A crença norteadora guiada refere-se às possibilidades de garantia do Currículo e dos dias letivos a partir do uso conjugado de plataformas digitais com aulas presenciais e remotas, assegurando o direito de estudar das crianças e jovens de Escolas Públicas localizada em comunidades de sociabilidade violenta, permitindo cumprir os dias letivos conforme previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

2.2. Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Implementar o Projeto “Com licença Violência, Eu Quero Estudar!” propondo um Modelo de “Plano de Aula Emergencial” – MÃE - que integre às aulas presenciais e remotas com plataformas tecnológicas digitais de forma a agenciar a interação e comunicação entre professores, escola e alunos e alunas, mantendo o período letivo e o desenvolvimento do Currículo em dias de confronto armado no entorno das Escolas Municipal do Rio de Janeiro de Ensino Fundamental.

2.2.2 Objetivos específicos

- Dialogar com os professores sobre a realidade das escolas da rede pública de Ensino Fundamental em comunidades com sociabilidade violenta do município do Rio de Janeiro;
- Identificar o impacto negativo no desenvolvimento do Currículo e nos dias letivos assegurados pela LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - nas escolas da rede pública de Ensino Fundamental em comunidades com sociabilidade violenta do município do Rio de Janeiro;
- Analisar práticas pedagógicas assertivas de modelos remotos;
- Articular na Unidade Escolar o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” de forma a promover possibilidades pedagógicas para a garantia de aula remota através das Novas Tecnologias Digitais;
- Desenhar modelo de aulas emergenciais com as Novas Tecnologias Digitais na organização pedagógica, em dias que as aulas são suspensas por conta dos confrontos armados.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Da primeira favela às escolas dentro delas

A cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX foi submetida a transformações que mexeram significativamente com a vida social de sua população. No início, liderado pelo Prefeito Pereira Passos, a pretensão idealizada seria de uma nova cidade com a estrutura arquitetônica das cidades parisienses, dando-a ar de modernidade e requinte. Literalmente às mãos foram à obra! Surgiram construções como o belíssimo Teatro Municipal, o Museu de Belas Artes e a Biblioteca Nacional.

Entretanto, a nova cidade de nada combinaria com os cortiços que havia na zona central do município, local em que se iniciou a mudança. Lá, estariam os que não se encaixavam com a modernidade e beleza. Na tentativa de projetar seus ideais para a cidade, o Prefeito Pereira Passos constituiu o Projeto “bota fora”, expulsando a população que vivia em cortiços a qual abrigaram-se em morros (ABREU & VAZ, 1991).

Segundo o historiador Milton Teixeira (2017), juntamente a esse movimento de modernização, acontecia o fenômeno de ocupação em um morro na zona central do Rio de Janeiro de ex-soldados combatentes da Guerra de Canudos, formando assim a primeira favela no município, batizada pelos seus moradores de “Favela do Morro” por lembrar-se de onde combateram (CARVALHO, 2015). Mais tarde, conhecida como Morro da Providência até os dias de hoje.

Na mesma velocidade em que a estrutura do município do Rio de Janeiro mudava, ocorria o crescimento desordenado de favelas. Eram totalmente desestruturadas, não havia saneamento básico e eram compostas por pessoas paupérrimas e ex-escravos, sobreviventes às condições subumanas.

> [...] viabilizou então o desenvolvimento de sua própria negação, ou seja, a proliferação de um habitat que já vinha timidamente se desenvolvendo na cidade e que, por sua informalidade e falta de controle, simbolizava tudo o que se pretendeu erradicar da cidade. Este habitat foi à favela. (ABREU & VAZ, 1991, p. 3).

Décadas mais tarde, despertando a preocupação do poder público devido ao crescimento desordenado das favelas, viu-se a necessidade de educar e “civilizar” os “favelados” no sistema público de educação. Com isso, foram construídos prédios

escolares dentro das favelas ou próximas, para os que até então não tinham acesso à educação formal.

Das estruturas iniciais das escolas públicas até hoje, muitos ideais se passaram e permanecem nelas, levando a serem levantadas várias bandeiras políticas e filosóficas em prol desta peculiar, mas com direitos, comunidade de favelados.

3.2 A BNCC e a educação de alunos moradores em territórios favelizados

Com caráter normativo, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular- define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidos no aluno da Educação Básica (BRASIL, 2017). Estrutura-se em orientações imprescindíveis na educação dos estudantes da rede pública ou privada, norteando o currículo.

Situada num contexto amplo, a BNCC ao definir o que ensinar na educação básica, suscita considerações nas perspectivas e construtos dos campos das políticas da educação e do currículo. Diante da relevância para a educação, autores tem se debruçado na grande diversidade de perspectiva e acepções de noções sobre o currículo (LOPES & MACEDO, 2011; SILVA, 2005).

O currículo se estrutura como um campo de lutas e relações de poder, na medida em que os conhecimentos ensinados/aprendidos nas escolas “são construções sociais que atendem a determinadas finalidades da educação e, por isso, reúnem sujeitos em determinados territórios, sustentam e são sustentadas por relações de poder que produzem saberes” (LOPES & MACEDO, 2011, p. 121).

O compromisso que concerne à escola pública é a de oportunizar condições para sua clientela construir conhecimentos, atitudes e valores, contribuindo na formação de cidadãos críticos, éticos e participativos nos contextos que integram (BRASIL, 2004). Entretanto, superar obstáculos é o desafio imposto à escola que refletem diretamente na educação, pois segundo Atié (1999, p.3), analisando a escola pública: “Ela precisa romper seus muros e estar plenamente inserida no seu tempo e na comunidade a qual pertence.”

3.3 As tecnologias digitais no âmbito da educação em comunidades de sociabilidade violenta

Pesquisas atuais revelam que os jovens do Brasil estão constantemente conectados às redes virtuais, independentemente da classe social da qual faz parte (NOVAES, 2010). Esses dados revelam o quanto às tecnologias digitais tem significativo impacto nas maneiras como o ser humano concebe o mundo, a sociedade e as culturas. Portanto, seu uso no espaço escolar, em suas práticas pedagógicas e no ensino-aprendizagem vem sendo recomendado por teóricos que se debruçam no assunto.

Nesse sentido, Nonato (2006) atenua que o uso das novas tecnologias na educação emerge a reflexão acerca da renovação das práticas pedagógicas que precisam ter inseridas em seu escopo a diversidade e inclusão.

O aluno ao chegar à escola traz consigo um universo totalmente tecnológico, onde desde os primeiros anos de vida manuseiam aparelhos digitais. Kenski (2008) acrescenta que o uso das tecnologias no âmbito educacional na contemporaneidade:

> Abre oportunidades que permitem enriquecer o ambiente de aprendizagem e apresenta-se como um meio de pensar e ver o mundo, utilizando-se de uma nova sensibilidade, através da imagem eletrônica, que envolve um pensar dinâmico, onde tempo, velocidade e movimento passam a serem os novos aliados no processo de aprendizagem, permitindo a educadores e educandos desenvolver seu pensamento, de forma lógica e crítica, sua criatividade por intermédio do despertar da curiosidade, ampliando a capacidade de observação de relacionamento com grupos de trabalho na elaboração de projetos, senso de responsabilidade e coparticipação, atitudes essas que devem ser projetadas desde cedo, inclusive no espaço escolar (KENSKI, 2008, p.45).

As novas tecnologias digitais se constituem como um poderoso recurso no auxílio às atividades educacionais enriquecendo, criando e ampliando as inúmeras possibilidades de ensino. Propor a um aluno utilizar uma plataforma digital, o insere no mundo tecnológico. Entretanto, revela questões estruturais que implicam, também, no desenvolvimento habitual do manejo da tecnologia na instituição escolar, inclusive, às inseridas em comunidades com sociabilidade violenta.

3.4 A gestão em escolas inseridas em comunidades de sociabilidade violenta

No Brasil, a formação de gestores está inserida na formação docente dos cursos de Pedagogia. Silveira (2018) aponta que, atualmente, o Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno (CNE/CP) por meio de resoluções complementa a atual LDBEN 9.394/96. A resolução do CNE/CP 2/2015, em seu artigo 2°, define as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação inicial e continuada em nível superior de profissionais do magistério para a educação básica. Dentre diversas especificidades, esse documento estabelece as áreas em que o docente é "habilitado" a atuar.

Diante das inúmeras atribuições impostas a um gestor, seu dia a dia é composto de grandes desafios e não é nada fácil, sobretudo, quando a escola está inserida em uma área conflagrada pela violência.

Portanto, suas decisões ao longo de suas ações, diante da exigência legal de uma equipe gestora, precisam estar robustas de clareza e consciência, indo além da atuação como docente, como descreve Farias (2018, p. 42/47) "[...] a equipe gestora precisa ter clareza que assumir um cargo público de responsabilidade por uma instituição perpassa pela obrigação de tomar decisões pautadas em justificativas objetivas, baseadas em dados que corroborem suas escolhas."

Numa constante sincronização da "gestão de ação e reflexão" (FARIAS, 2018), o gestor atualmente precisa lidar com a diversidade de seu público e a localidade inserida, mediando conflitos ocorrentes dentro e fora da Unidade Escolar. Embebido numa violência que ultrapassam a gerência do gestor, a sensação de caos estabelecido no entorno da escola, percute e desestabiliza toda harmonia dentro da unidade.

Cavalcanti (2008), descreve em um de seus trabalhos de campo, acerca da etnografia em favelas cariocas, sobre a violência, argumenta que o tiroteio "[...] produz uma temporalidade concretamente experimentada como uma antecipação, como uma quase espera pela próxima ocorrência, engendrando uma série de rotinas de evitar e avaliar riscos".

Ser gestor de uma unidade escolar onde a sociabilidade violenta se encontra latente é imensamente desafiador, imergido num turbilhão de emoções onde se lida não só com a própria emoção, mas também de todo o grupo de forma precisa para que às tomadas de decisões preservem o grupo em segurança. Certamente nesse

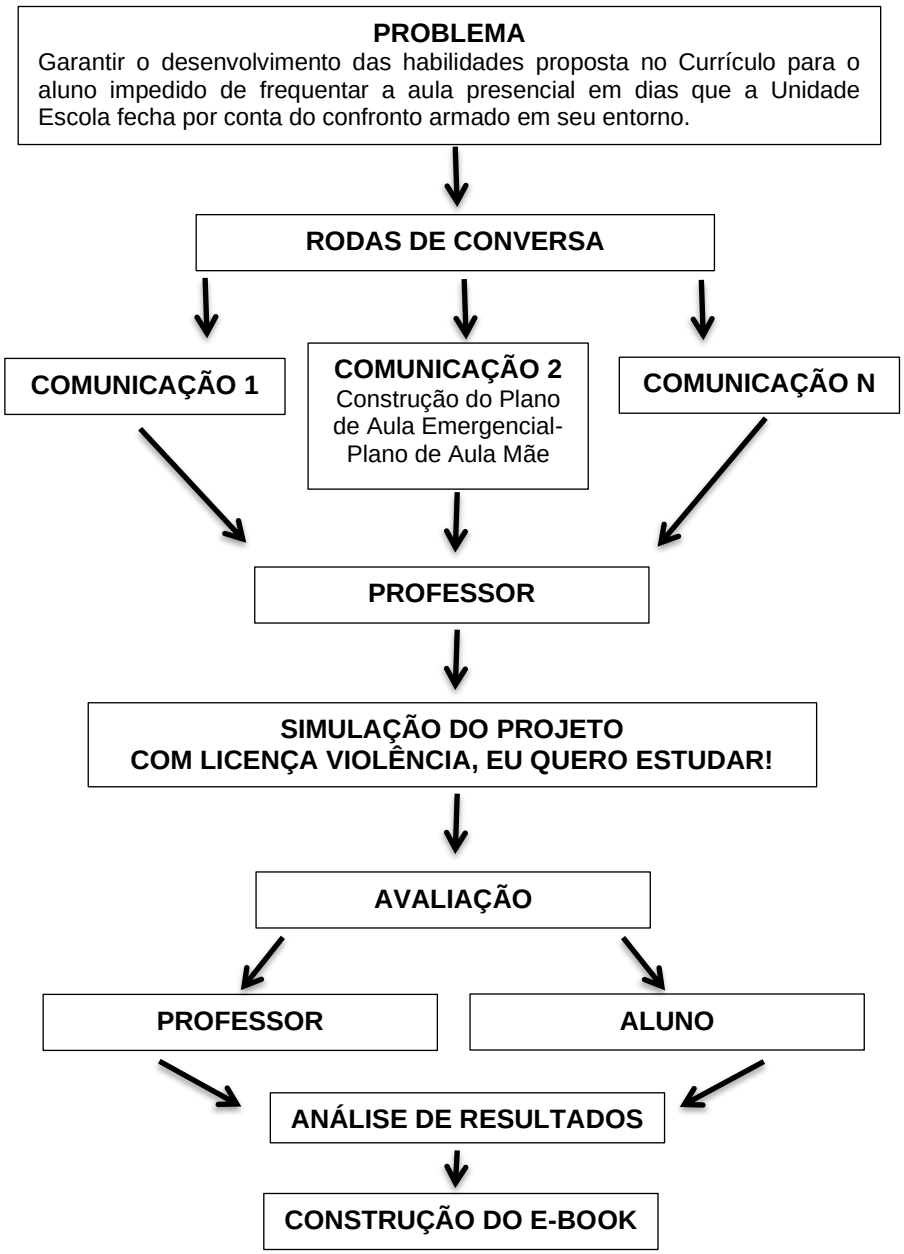
contexto, o trabalho do gestor vai muito além de trabalhos burocráticos e pedagógicos, trilham por caminhos que exigem a cada dia a esperança para superar os percalços e momentos de tristeza e desânimo.

4. METODOLOGIA

Embasada pela Pesquisa Qualitativa (Indutivo), a Dissertação se caracterizou no estudo exploratório, em que visa “proporcionar maior familiaridade com a questão do Problema, com vista a torná-lo explícito ou construir hipóteses.” (GIL, 2007). Porém, também teve características de um estudo descritivo e etnográfico, que possibilitou a descrição da cultura e do comportamento do grupo de indivíduos que formam a comunidade no entorno da escola.

4.1 Desenhos da pesquisa

Figura 1. Desenho da Pesquisa.



A pesquisa se desenvolveu de forma a conectar o ambiente pedagógico da aula presencial com o ambiente doméstico dos alunos e das alunas, usando os aplicativos Whatsapp e Play Games.

Nesta dinâmica, houve um Plano de Aula seguido pelos professores participantes da pesquisa, que iriam simular uma interrupção da aula, para dar início ao Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” com o Modelo de Plano de Aula MÃE – o “Plano de Aula Emergencial”.

Neste contexto os alunos e as alunas entregaram aos responsáveis o RCLE e o TALE, pois apesar de todos integrarem e participarem do Projeto, somente foi contabilizado para a Pesquisa aqueles alunos e alunas cujo responsável autorizaram a sua participação.

A estrutura da pesquisa pressupôs o uso dos aplicativos Whatsapp e Play Games, a partir das seguintes diretivas para o desenvolvimento do Projeto: formação de grupo no Whatsapp para a turma envolvida na Pesquisa e o Roteiro Pedagógico do aplicativo Play Games direcionado ao professor para o correto uso na construção do ”Plano de Aula Emergencial” e para a promoção de autonomia.

Reitero que o aplicativo Play Games está disponível para os smartphones Android. Nele há diversos jogos que possibilita a gravação. Além disso, o usuário também pode inserir outro fundo, sua imagem e voz. O uso do aplicativo Play Games nas aulas remotas, no difícil ano letivo da Pandemia pela COVID-19 em 2.020, foi muito utilizado pelos professores para gravarem suas aulas remotas, segundo Matta (2020). A youtuber orienta passo a passo como enriquecer as aulas remotas com essa ferramenta, usando o próprio aplicativo para a orientação, demonstra a facilidade para usá-lo.

A construção do “Plano de Aula Emergencial” utilizando o aplicativo Play Games permiti o aluno e aluna ao mesmo tempo visualizar as atividades propostas, ver e ouvir as explicações gravadas pelo seu professor. O produto gerado com a utilização do aplicativo foi a gravação de um vídeo contendo ao fundo a atividade proposta, mais a imagem e voz do professor aparecendo num pequeno círculo que se move por toda tela.

O vídeo produzido através do aplicativo Play Games foi postado no grupo de Whatsapp da turma para que o aluno possa realizar a atividade do “Plano de Aula Emergencial”, de forma remota assíncrona[1], com certa interação de seu professor.

A coleta de dados neste ambiente remoto doméstico de aulas se deu da seguinte forma:

- Diálogo com a turma e com os responsáveis em relação à apropriação do uso do whatsapp para acessar as atividades do “Plano de Aula Emergencial” e da estrutura que o aplicativo Play Games propõe à aula remota assíncrona;

- Observação, por parte dos professores, das atividades que compõe o “Plano de Aula Emergencial” respondidas pelos alunos, com objetivo de verificar o comportamento na realização da atividade, dentre outras questões, a clareza, grau de dificuldades;

- Avaliação dos alunos e alunas diante das habilidades propostas nas atividades do “Plano de Aula Emergencial”;

- Avaliação do Projeto “Com Licença Violência, Eu quero Estudar!” pelos alunos, alunas, professores e responsáveis.

Após a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, os alunos e alunas que tiverem as autorizações assinadas pelos responsáveis, na aula presencial avaliaram o Projeto. Já os outros alunos que não possuíam os Termos de consentimento assinados para a participação na Pesquisa não foram contabilizados nos resultados da Pesquisa, mas fizeram as mesmas atividades, orientadas pelo professor.

A avaliação foi um roteiro de perguntas e roda de conversa onde os alunos e alunas foram convidados a responder e a participar, que posteriormente foram categorizados, analisados e apresentados no Capítulo dos Resultados.

[1] As aulas assíncronas são aquelas que não ocorrem por transmissões ao vivo, e sim por gravações. Não há interações em tempo real.

4.2. Fases da metodologia

- Fase 1 – Rodas de Conversas com professores da E. M Zilda Nunes da Costa, visando ouvi-los sobre a experiência do modelo remoto adotado na educação para que se tenha a percepção das dificuldades e sucessos no aprendizado de seus alunos na forma remota ensino;

- Fase 2 – Construção do Modelo do “Plano de Aula MÃE”, resultantes das contribuições dos professores nas rodas de Conversas da fase 1. O Plano foi aplicado de forma remota e assíncrona por meio das Novas Tecnologias Digitais. Aqui se fará o desenho final do Modelo “Plano de Aula Emergencial” como resposta de continuidade das aulas em dias de confronto armado na comunidade;

- Fase 3 – Implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” onde integra o “Plano de Aula Emergencial” coletando e registrando os dados obtidos na participação dos alunos e alunas na aula remota assíncrona;

- Fase 4 – Avaliação para os alunos e alunas das atividades propostas no “Plano de Aula emergencial” pelo Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”;

- Fase 5 – Avaliação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” pelos professores, alunos e alunas e responsáveis;

- Fase 6 – Construção do E-Book contendo a metodologia usada na construção do Modelo de Plano de Aula Emergencial.

4.3 Métodos – abordagens técnicas instrumentos e aplicativos

O método orientou a coleta de dados, guiando a respeito da abordagem técnica, instrumentos e aplicativos que serão usados na execução das fases da metodologia aqui proposta.

Na primeira fase o método empregado para coletar as informações foram as Rodas de Conversas com os professores de forma presencial. Nesta fase, os professores participantes foram convidados a assinarem o RCLE – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando ser um participante da Pesquisa. Foi explicado aos professores presencialmente a ideia do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” / “Plano de Aula Emergencial”, esclarecendo o modelo esboçado pela autora a qual precisa de um método de abordagem técnica coletiva para incorporar as vivências, experiências e ideias dos professores participantes das Rodas de Conversas. Esta abordagem coletiva permitiu que o esboço do Modelo do “Plano de Aula Emergencial” se tornasse científico, saindo do senso comum, que guarda sempre a experiência de caráter pessoal da autora.

Também foi desenvolvido um Roteiro de Perguntas que guiou os debates com os professores que participaram da pesquisa e diálogos nas Rodas de Conversas, com questões da seguinte natureza:

- Como você percebeu o aprendizado dos alunos nesta integração com a plataforma remota, com o Whatsapp, internet, pesquisa com sua turma em sala de aula e em casa?
- Você considera que este tipo de Modelo de aula pode ser aplicado de forma emergencial em caso de confrontos armados?
- Como você percebeu esta experiência no seu perfil de professor (a)?
- O que achou do método de roda de conversa com debate na Pedagogia da escola?
- Como se sentiu fazendo parte desse mundo tecnológico, virtual, trocando ideias a partir de metodologia ativa em rodas de conversas, com colegas, professores e coordenadora?

Na fase 2, a partir da Roda de Conversas de forma presencial, ocorreu a construção do Modelo do Plano de Aula MÃE – o “Plano de Aula Emergencial” a qual faz parte do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”. Portanto, nessa etapa, os professores foram orientados a utilizarem o aplicativo Play Games nessa construção, por permitir ao aluno e a aluna ver e ouvir a explicação da atividade por seu professor. As atividades propostas contemplavam as competências desenvolvidas na aula presencial. Garantindo assim, o Currículo e as habilidades projetadas para o ano letivo.

Nessa perspectiva, o desenho final do Modelo do “Plano de Aula Emergencial” foi uma resposta de continuidade das aulas em dias de confronto armado na comunidade, cuja sua modelagem final não foi um modelo pronto e acabado, ou seja, uma receita com o desenvolvimento Curricular de cada turma. Porém, o modelo final demonstrou orientações e especificações construídas a partir do diálogo com o professor.

Sendo assim, as orientações iniciais foram que o plano da aula remota assíncrona tivesse no máximo três atividades em que os alunos e alunas conseguissem realizar com autonomia (GROSSI, 1990), que às atividades fossem produzidas pelo aplicativo Play Games para que o professor pudesse orientar os alunos e alunas nesse momento, que os alunos e alunas fossem orientados a registrarem no caderno as atividades propostas e que as atividades estivessem de acordo com o Currículo e as Competências desenvolvidas nas aulas presenciais.

Na Fase 3, foi a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, onde contempla o Modelo de Plano de Aula Mãe – o “Plano de Aula Emergencial” que entrou em cena de forma remota assíncrona disponibilizado aos alunos e as alunas no grupo da turma pelo aplicativo Whatsapp previamente criado pela Coordenadora Pedagógica. O “Plano de Aula Emergencial”, a princípio, seria uma simulação combinada com o professor que se dispôs a coordenar o evento, coletando e registrando os dados obtidos na participação dos alunos e das alunas.

Nesta fase os Registros e Termos dos responsáveis (RCLE) e dos alunos e das alunas (TALE) foram encaminhados aos responsáveis para que assinassem e orientassem aos filhos na assinatura. Posteriormente, estes documentos assinados foram entregues pelos alunos e alunas ao professor. Os responsáveis que não quiseram participar não assinaram o Registro, mas tiveram a garantia de que seus filhos participariam de toda ação pedagógica nas aulas remotas assíncronas.

Apenas não foram computados os dados obtidos com o sucesso do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”

Na Fase 4, os alunos cujos responsáveis assinaram o RCLE, quando retornaram à sala de aula, foram submetidos a uma avaliação, pelo professor, através da correção ora coletiva, ora individual em relação ao retorno dos alunos diante das atividades propostas no “Plano de Aula Emergencial”, de forma a perceber os avanços nas habilidades desenvolvidas pelas atividades realizadas, fechando assim, o ciclo de um dia em que não se pode ter aula presencial por conta da sociabilidade violenta no entorno da escola. Os alunos e as alunas cujos pais não assinaram o RCLE, também foram submetidos a uma avaliação. Porém, os dados não foram computados para a pesquisa, atendendo aos critérios de inclusão e de exclusão da ética em pesquisa, preservando os direitos de aprendizagem dos alunos.

Na Fase 5, foi o momento de escuta ativa dos professores, alunos e alunas para avaliar o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” em si. Essa avaliação se deu através de um Roteiro de Perguntas e roda de conversa.

Na aplicação do roteiro de perguntas para os alunos e alunas, foram usadas as seguintes naturezas:

- Você encontrou obstáculos para realizar as atividades na sua casa?
- O que achou da quantidade de atividades proposta?
- A orientação dada por sua professora através do vídeo facilita a realização da atividade?
- O que achou em participar da aula remota utilizando as Novas Tecnologias Digitais?

Já no roteiro de perguntas para o professor:

- Você acha que o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” cumpriu o objetivo?
- Quais pontos positivos no Projeto?
- Quais pontos negativos do Projeto?
- Seu pensamento inicial sobre o Projeto mudou? Por que?

Na Fase 6, foi construído o E-Book contendo a metodologia usada na construção do Modelo do Plano de Aula Emergencial. O E-book se trata de uma Tecnologia Digital e se encontra no Repositório de Dados na Plataforma Proximal do Mestrado na Instituição UniCarioca, onde pode ser consultado por outros professores, pesquisadores que se proponham a usar o estudo, disseminando este conhecimento.

4.4. Riscos

Em toda decisão há riscos. Sendo assim, ao desenvolve o estudo apresentado nessa Pesquisa de Dissertação se fez necessário considerar os riscos que permeiam na escolha dos métodos. Os riscos vêm para confrontar e muitas vezes desestruturar a Pesquisa significativamente.

Na busca para alcançar os objetivos, os riscos se associaram às expectativas relacionadas à construção do “Plano de Aula Emergencial” e a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero estudar!”, pois poderia não ter acontecido por depender de variáveis muito complexas como confrontos armados; famílias desestruturadas; alunos e alunas desesperançados e por depender exclusivamente da cooperação dos professores, das famílias, dos alunos e das alunas. Porém, os riscos fazem parte do processo e geralmente trazem surpresas.

4.5. Benefícios

Acredita-se que a Pesquisa desenvolvida trouxe benefícios mensuráveis às escolas que vivem com realidade de sociabilidade violenta em seu entorno provocando a interrupção das aulas presenciais.

Ao desmembrar esse tipo de escola com sociabilidade violenta, percebeu-se o quanto professores perdem ao serem impedidos na ação pedagógica e os alunos e as alunas ao deixarem de contemplar o conteúdo planejado pelo professor.

Nesse sentido, os atores pertencentes a essas escolas, por mais que não tiveram a compensação financeira, tiveram a compensação pedagógica pelo impacto positivo do produto gerado na pesquisa.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Esperou-se com esta Pesquisa apresentar como foi experienciar o Modelo do Plano de Aula Emergencial adotado na escolarização dos alunos, ao conectarmos as plataformas Tecnológicas Digitais na forma remota e em decorrência, mapear o lastro educacional de experiências vividas em contexto de território favelizado. A finalidade foi promover o conhecimento de forma dinâmica a contribuir para o prosseguimento das habilidades propostas no Currículo para uma educação integral do aluno e da aluna. Queremos mostrar que as aulas presenciais não precisam ficar paradas diante dos confrontos armados na Unidade Escolar. O Plano de Aula Emergencial desperta o interesse no aluno e na aluna a partir da percepção de continuidade dos seus estudos.

A análise dos dados vai contemplar a análise de conteúdo nas comunicações feitas pelos alunos, alunas e professores após a entrega da atividade, buscando interpretar suas falas em categorias, gerando novas análises a partir da categorização, conforme proposto por Vergara (2005).

A avaliação foi positiva por parte dos alunos e professores. E certamente iniciou uma mudança de cultura na escola devido o olhar diferenciado para o problema da Pesquisa e a escuta atenta dos atores pertencentes às escolas com sociabilidade violenta.

Portanto, ao final da Pesquisa, estruturou-se a metodologia de criação do Modelo do Plano de Aula Emergencial amparado pelas Novas Tecnologias Digitais de maneira que possibilite a equipe pedagógica das escolas com sociabilidade violenta desenvolver um produto gerado para seu público, que são os estudantes do Ensino Fundamental da rede pública do Municipal do Rio de Janeiro e para os professores.

5.1 Projeto “Com licença violência, eu quero estudar!” - desenvolvimento do roteiro pedagógico na construção do modelo plano de aula mãe – o “plano de aula emergencial”

No universo da escola com sociabilidade violenta há um grito sufocado no peito da criança, professores, gestores e responsáveis que retrata toda angústia e decepção de ter seu cotidiano atravessado por clima de tensão, sons de tiros... que impedem a aula presencial. É possível imaginar o grito de cada protagonista no

preocupante cenário: Gestores e professores - “Com Licença Violência, Eu Quero Trabalhar!”; Responsáveis – “Com Licença Violência, Meu Filho Precisa Estudar!"; A criança – “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

O Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” surge desse grito sufocado no peito que por vezes impede milhares de criança usufruir o direito de estudar garantido por Leis que definem os direitos e estabelecem os deveres do Estado e da família em assegurar esse direito:

> A Constituição Federal de 1988 que se estabeleceu como dever da família, da sociedade e do Estado “assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. Foi também aí que o direito à educação foi consagrado pela primeira vez como um direito social (SANTOS & JACOB, 2020).

A Constituição Federal de 88 embasa o surgimento de outras Leis a fim de assegurar, dentre os direitos da criança, o direito à educação. Como marco legal, atendendo reivindicações de movimentos sociais que por décadas defende a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, surge o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente de 90 assegurando:

> A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (ECA – Art. 53).

De Forma a nortear a promoção da política básica nacional da educação a Lei 9.394/96 - LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional dispõe:

> A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:
> I – a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver. (LDBEN/96, Art.24).

A promoção do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar.” na Escola Municipal Zilda Nunes da Costa legitima cada grito sufocado, tornando-se propulsora para movimentos cujo às ações minimizem esses gritos de outras Unidades Escolares que também vivenciam a triste realidade de impedimento de aula presencial. Esse projeto prático e eficaz demonstra que é possível fazer algo por essas Unidades Escolares e, ao aliar-se às Novas Tecnologias Digitais, empoderam-

se da força necessária para a mudança do quadro onde o impedimento de aulas presenciais provoca Stand by no desenvolvimento das habilidades estabelecidas no Currículo.

A afirmação da praticidade do projeto se deu, a princípio, pelo movimento da construção do Plano de Aula Mãe, denominado na pesquisa como “Plano de Aula Emergencial”. Esse plano, previamente planejado, consiste na seleção de atividades em que, ao ser acoplado ao aplicativo Play Games, produz aula assíncrona para a criança impedida de estudar presencialmente por pertencer a uma escola com sociabilidade violenta. O “Plano de Aula Emergencial” produzido e implementado promove na criança a possibilidade de prosseguir com o desenvolvimento das habilidades planejadas no Currículo.

As professoras da Escola Municipal Zilda Nunes da Costa experienciaram a construção do “Plano de Aula Emergencial”. Após serem orientadas a escolher uma atividade que esteja de acordo com o plano de aula previamente planejado e de como manusear o Aplicativo Play Games, colocaram literalmente a “mão na massa”, ou seja, no dispositivo tecnológico Smartphone.

Embora as orientações fossem dadas individualmente a cada professor colaborador com a pesquisa, o seguinte Roteiro Pedagógico possibilitou a autonomia das professoras para a construção do “Plano de Aula Emergencial”.

5.2 A preliminar de campo do aplicativo *play game*

Um dos aspectos fundamentais do uso das Novas Tecnologias Digitais na educação é o momento da escolha das tecnologias, como meios de viabilizarmos aulas mais dinâmicas e chegarmos à finalidade que estamos propondo, de abrir espaços para que os alunos possam estudar em situações de confronto na comunidade. A partir de uma preliminar de campo, que envolveu conversas informais com professores, decidiu-se adotar o aplicativo Play Games e o sistema operacional Android, para ancorar o Plano de Aula de Emergência no Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”

Na Preliminar de Campo (Conforme norma 501 do CONEP), podemos perceber que a escolha deveu-se porque o Android é um sistema operacional de celular gratuito e disponível para qualquer fabricante de celular utilizá-lo e também modificá-lo. O Aplicativo *Play Games* que é um Aplicativo disponível para o sistema

Operacional Android, foi testado por professores, é gratuito e segundo aqueles que o testaram, muito amigável para dar aulas, além disso, outro fator que professores comentaram na Preliminar de Campo de tecnologia é que ele é criado e mantido pela Google, o que faz com que haja muita integração com alguns recursos que já usamos: Gmail, Agenda do Google, Youtube e Google Maps!

A Preliminar de Campo foi essencial para prosseguir com a Pesquisa utilizando o Aplicativo *Play Games* no sistema Operacional Android, por ser tratar de um sistema operacional mais popular no Brasil e no mundo:

> O Android é o sistema operacional móvel mais popular no Brasil e no mundo, sendo utilizado em 2,5 bilhões de dispositivos. Desenvolvido pelo Google, o Android é o sistema padrão de aparelhos Samsung, LG, Nokia, Motorola, além dos dispositivos próprios do Google. (VIVENDO BAURU, 2021).

5.3 Operacionalizando o aplicativo *Play games*

1 - Abrindo o Aplicativo *Play Games*

Figura 2. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - o aplicativo *Play Games* baixado no smartphone.



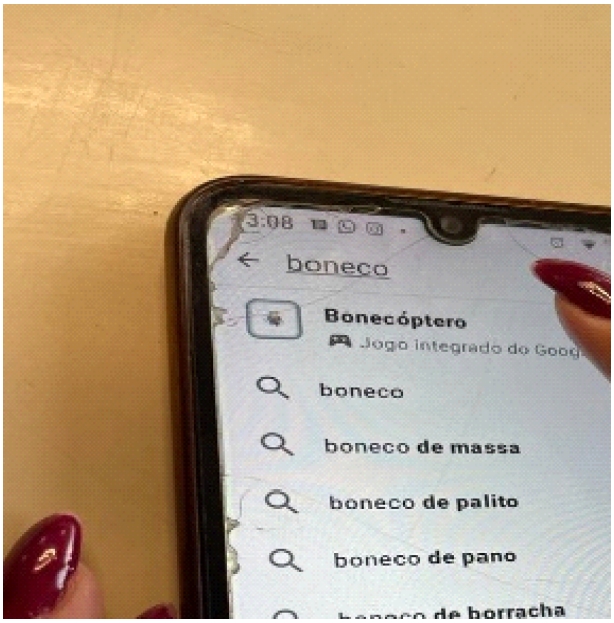
Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Poderíamos dizer: E se lance a sorte! Não! Essa imagem representa a certeza de oportunizar a milhares de crianças a darem continuidade ao desenvolvimento de suas habilidades, a experimentarem uma das diversas formas de acessarem o conhecimento. Ela também representa os anseios que permeiam a construção do

planejamento da ação pedagógica. Neste momento, culturas pedagógicas estão em jogo na construção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”.

2 - O Bonecóptero

Figura 3. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - seleção do jogo Bonecóptero.



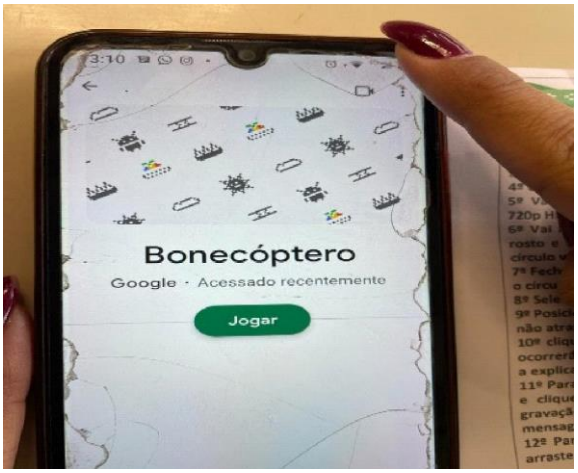
Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Orientado pelo Roteiro Pedagógico, o professor precisou selecionar o jogo Bonecóptero para prosseguir em sua produção. A palavra Bonecóptero é a junção das palavras boneco e helicóptero. Fazendo alusão a essa junção, o boneco - a criança como sujeita de direito e o helicóptero – as Novas Tecnologias Digitais que permite altos voos para o conhecimento.

> No movimento das hélices das Novas Tecnologias Digitais da Educação, a bordo dessa extraordinária máquina, a Prática Pedagógica, transformará a condição do Sujeito/boneco e o conduzirá para além das turbulências da violência que impedem aterrissar no solo fértil do Conhecimento no Aeroporto das Possibilidades. (EVANGELISTA, 2022).

3 - A função da câmera

Figura 4. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - seleção da câmera.

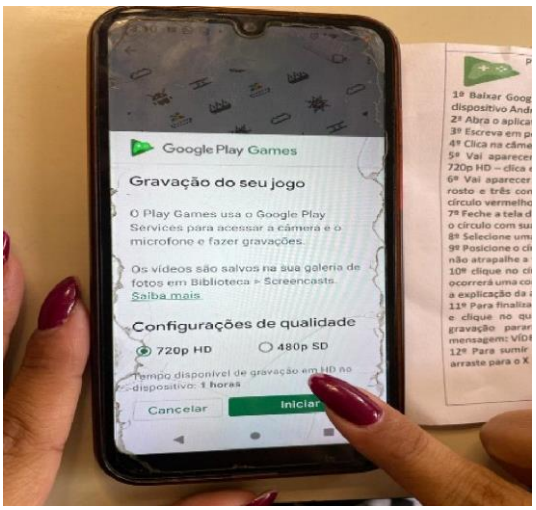


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

A câmera permitirá ao professor orientar a atividade com vídeo e áudio. Um recurso muito importante, principalmente para a forma de aula remota assíncrona. Na construção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”, a gravação em vídeo fará toda a diferença para o aluno que receberá essa produção final, pois mesmo não tendo aula presencial poderá ver e ouvir seu professor, mantendo a relação afetiva fortalecida. É indiscutível a participação positiva desse recurso no processo!

4 - Configurações -720p HD

Figura 5. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Configurações - 720p HD.

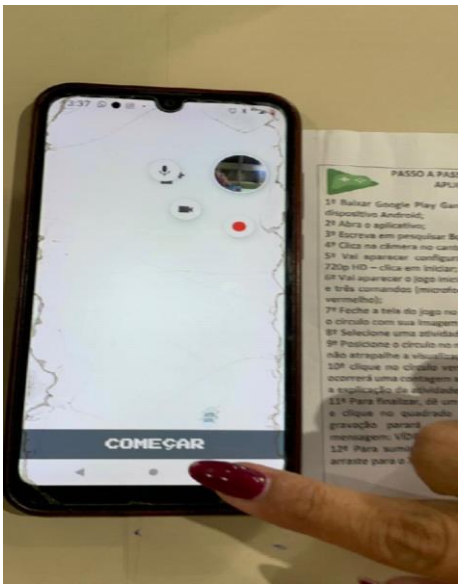


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

É notório que o professor sempre busca o melhor resultado em suas produções pedagógicas. Nesse momento, atento às orientações do Roteiro Pedagógico, a configuração se faz necessária para a qualidade final da imagem. A recomendação é a resolução 720p HD, fundamental para que a imagem tenha alta definição.

5 - Os comandos do jogo

Figura 6. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico – Comandos.



Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Nessa tela o professor se deparou com os ícones dos comandos - microfone, câmera, gravação. A percepção de estar próximo da finalização na construção da atividade, traz a confiança de que está no caminho certo. O medo que de certa forma vem pelo desconhecido, se esvai a cada toque e troca de tela. A interação dos comandos do jogo com os comandos do celular acontece para que o professor possa ter a autonomia para fechar e abrir telas. É com esse bailado que as Novas Tecnologias Digitais vão dando possibilidades para que a toda poderosa “Prática Pedagógica” ocupe seu lugar de direito independente do tempo e espaço.

6 - A imagem em tempo real

Figura 7. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Imagem em tempo real.

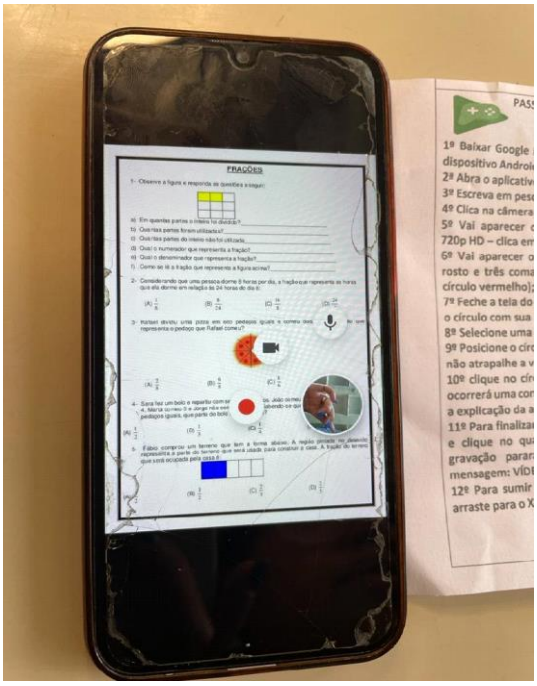


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Mesmo com as trocas ou no abrir /fechar de telas, o círculo com a imagem do professor em tempo real permanece. Nele a criança verá e ouvirá o professor claramente. Familiarizado com a câmera, o professor poderá agir naturalmente como se estivesse em sala de aula, entendendo que do outro lado estará a criança para a promoção da aprendizagem e no momento que ela tiver contato com o produto final, se fará presente nas relações sujeito e objeto do conhecimento a afetividade (WALLON, 1972).

7 - O desenvolvimento das habilidades planejadas

Figura 8. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - Habilidades planejadas.

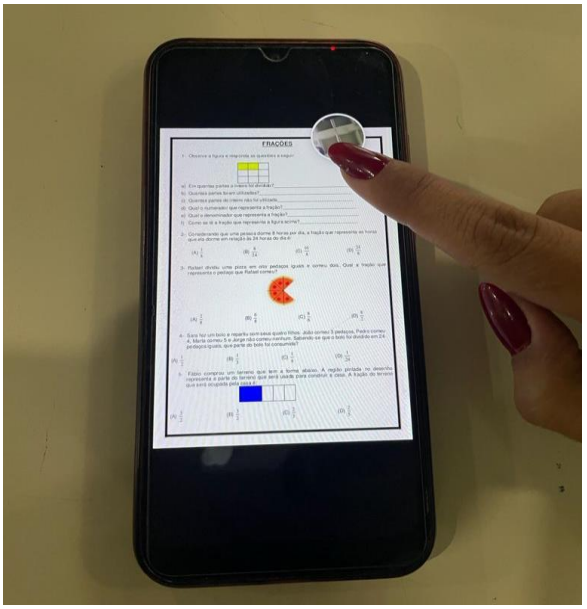


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

As Competências e Habilidades presentes no Currículo norteiam todo o planejamento pedagógico. O professor sabe da importância de selecionar a atividade adequada para alcançar os objetivos. Nesse momento, a escolha da atividade para a tela principal foi cautelosa. Houve muita atenção pedagógica do professor devido a não saber em quais condições a aprendizagem selecionada será apresentada para essa criança que está sendo impedida da aula presencial. Sendo assim, aspectos importantes na atividade foram levados em consideração, como a quantidade de exercícios, a complexidade e a clareza na formatação.

8 - Ajuste do círculo na tela

Figura 9. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - ajuste do círculo.

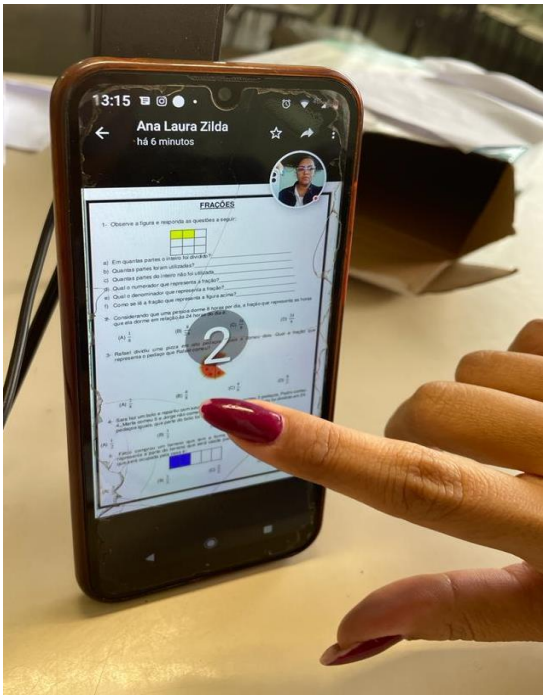


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

O professor compreende que nada poderá atrapalhar a visualização da atividade. Por isso, precisou posicionar no melhor ângulo para ficar o círculo com a sua imagem. Nessa ação, aprendeu também que seria possível deslizar o círculo para qualquer espaço na tela, inclusive no momento de gravação, permitindo utilizá-lo como sinalizador quando estiver orientando a atividade. Pode até parecer uma brincadeirinha de deslizar o círculo de um lado para o outro, mas o que realmente o professor fez foi buscar, diante dos recursos disponibilizados no Play Games, minimizar impactos no momento da orientação à criança impedida de frequentar a aula presencial.

9 - Contagem decrescente de 3 a 1 para a gravação

Figura 10. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico – Gravação.

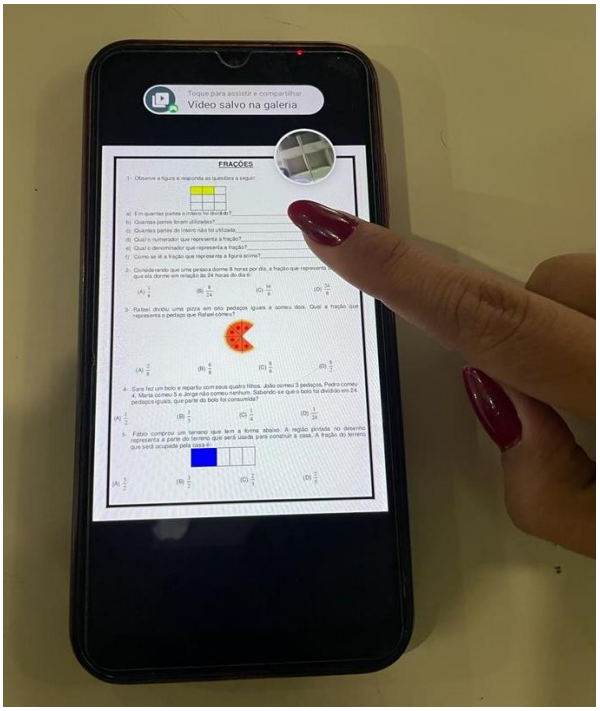


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Luzes! Câmera! 3! 2! 1! Gravando! Enfim, o momento do professor protagonizar o importante papel na busca de assegurar direitos às crianças impedidas de terem aula presencial. Cada palavra, cada gesto do professor está impregnado de significado que vai além do ensino-aprendizagem. Simbolizou que “no movimento das hélices das Novas Tecnologias Digitais da Educação, a Prática Pedagógica decolou com o Sujeito/boneco para além das turbulências da violência e o aterrissou no solo fértil do conhecimento no Aeroporto das Possibilidades.”

10 - Vídeo Salvo Na Sua Galeria

Figura 11. Tela demonstrando o Roteiro Pedagógico - vídeo salvo na galeria.

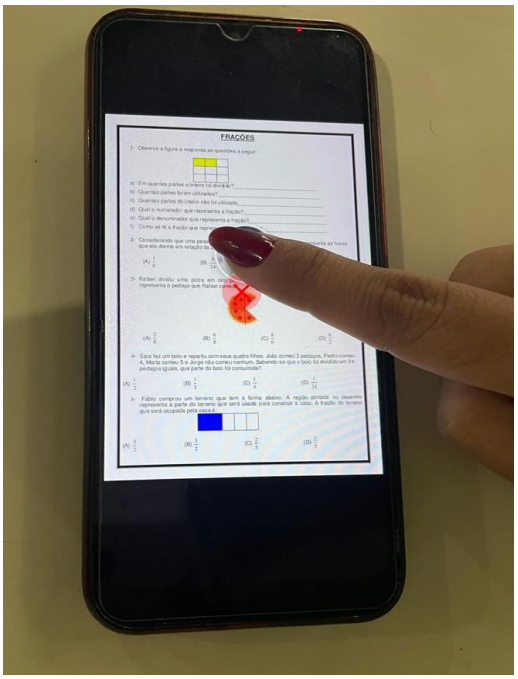


Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Enfim foram executadas todas as etapas do Roteiro Pedagógico para a produção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”. Chegou o momento de finalizar com o apertar do ícone stop. Imediatamente a atividade foi para a galeria do celular. Tamanha ansiedade para conferir o resultado, pois os medos foram superados e a vontade de fazer acontecer é crescente.

11 - Fechando o aplicativo *Play Games*

Figura 12. Tela demonstrando o início do Roteiro Pedagógico - fechando o aplicativo *Play Game*.



Fonte: Foto feita pelo professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”

Gravação concluída e vídeo salvo na galeria, chega o momento de fechar o aplicativo *Play Games*. O professor arrastou o círculo com a sua imagem até o centro do celular onde havia um grande X em vermelho. Nasceu! A atividade do “Plano de Aula Emergencial" nasceu! O parto foi concluído com êxito. O sentimento de vitória pairava no ambiente e no semblante do professor alegria, satisfação e gratidão às Novas tecnologias Digitais da Educação.

Ainda que o uso de dispositivo tecnológico permeasse o planejar da prática pedagógica do professor, a insegurança pairou nesse momento de construção num movimento inconsciente de resistência: “Eu não consigo! Não me dou bem com as tecnologias”, “É necessário aparecer? Não gosto de aparecer!” (PROFESSOR COLABORADOR 1 E 3). Por mais que tenham vivenciado o uso das Novas Tecnologias Digitais como forma de socorro pedagógico, em produções frenéticas de Aulas Remotas, nos tempos de Pandemia pela COVID-19, os atos de aprender e ensinar do professor, além de serem carregados de conteúdos, currículos, métodos,

didáticas e tecnologias (LIBÂNEO & ALVES, 2019), também são marcados por subjetividades, sentimentos, afecções, percepções, experiências e crenças.

Em face da importância de se ter segurança para utilizar as Novas Tecnologias Digitais na prática pedagógica, Costa corrobora ao afirmar que:

> […] 'sentir-se confiante' significaria ter, pois, para além de uma atitude favorável, uma visão global do leque de coisas que se podem fazer com os computadores, o conhecimento concreto dos recursos que existem numa determinada área científica e, o que com eles é possível fazer, do ponto de vista pedagógico, com os alunos (o quê, como e para quê). (COSTA, 2014, p.517).

5.4 Coletas de dados na roda de conversas com os professores

É preciso ter o caos dentro de si
para gerar uma estrela dançante.

Friedrich Nietzsche (2003)

Os professores acreditam na importância da pesquisa *Escola em comunidade com sociabilidade violenta*: um estudo etnográfico da educação em comunidades inseridas nas novas plataformas digitais, pois esta surge da inquietação de ter a prática pedagógica atravessada por conflitos violentos que paralisa as ações planejadas.

O professor reflete sobre a aprendizagem constantemente. Nesse sentido, buscou-se promover possibilidades para a garantia da continuidade do desenvolvimento das habilidades promovidas em aulas presenciais, mesmo nos dias de impedimento delas. Para tal, em colaboração com os professores, um produto - P*lano de aula emergencial* - foi criado através das Novas Tecnologias Digitais (Aplicativo Whatsapp e o Aplicativo Play Games) e implementado através do Projeto "Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!".

Este planejamento junto com os professores foi à forma que encontramos de alcançar nossos alunos e trazê-los ao mundo virtual, em aula remota, para dar continuidade ao aprendizado. Os alunos não podem ser impedidos de terem aulas e se as aulas presenciais não podem acontecer, vamos para o mundo virtual. Acreditamos que podemos aproveitar os recursos tecnológicos e implementarmos algo novo para os alunos, inseri-los na Internet.

A incorporação da Pesquisa se deu literalmente no mergulho ao universo da Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, uma escola inserida em comunidade com

sociabilidade violenta. Nela descobre-se verdadeiros “Cielos”[2]/protagonistas – gestão, professores, alunos - que incessantemente nadam para não se afogarem na violência que tenta limitar as ações, o conhecimento e os sonhos ao impedir a presença de todos nesse espaço. Imaginar o que acontece com cada protagonista no dia em que são surpreendidos que, aliás, não se trata de surpresa, é no mínimo tenso.

A escola fica em área dominada pelo tráfico e na tríade - gestor, professor e estudante - diante do protagonismo em cada ressaca violenta no entorno, as atuações se diferem: Atos do gestor - noite anterior, no grupo de Whatsapp da comunidade, bombardeio de mensagens alertam sobre movimentações estranhas, que alguém soube por alguém que irão invadir a comunidade... Na mente do gestor a dúvida se abrirá ou não a Unidade Escolar na manhã seguinte e na esperança de poder abrir para dar continuidade a algum projeto, no atendimento urgente ao responsável.

É necessário muitas vezes suspender a aula presencial, pois durante a madrugada o barulho excessivo no celular sinaliza várias mensagens do grupo da comunidade com áudio de intenso tiroteio e comentários. Nesse momento, o gestor fica alerta para avisar logo cedo aos professores sobre a situação; Atos do professor - no dia anterior, em sala de aula, avisa aos alunos - “amanhã faremos atividades diferentes e tiraremos dúvidas sobre esse assunto.”, ao conversar com o colega o professor expõe - “Olha essa atividade! Os alunos irão gostar! Amanhã farei com eles.” E assim finaliza seu dia pedagógico com vários planos acreditando que poderá dar continuidade no dia seguinte. Pela manhã, bem cedo, uma mensagem surge no grupo de Whatsapp da escola - é o gestor - “cuidado! Não subam ainda. Espere na E.M. Grand Jean”- ponto de encontro do Plano de Acesso Mais Seguro da rede do Município. Nesse momento um misto de medo, expectativa e decepção pairam na mente do professor; Atos do aluno que abrange a família onde está inserido - ao finalizar o dia de aula, no meio da semana, está ciente que amanhã terá mais um dia letivo. Portanto, nada de ficar até tarde brincando, no celular ou vendo programações na televisão. Para o responsável, conduzir a criança a se preparar para a aula no dia seguinte é essencial para o bom desenvolvimento ou até mesmo por ser menos trabalho para acordá-lo cedo, pois se faltar à aula, irá prejudicar o seu desenvolvimento e as faltas implica no “Auxílio Brasil”. Na mesma noite daquele dia

[2] O primeiro nadador brasileiro a vencer uma olimpíada.

que parecia tão normal, dormir não foi possível por conta dos intensos tiroteios, ou senão, na mesma noite o responsável soube por mensagem de Whatsapp que tiros estavam sendo ouvidos nas ruas próximas da escola. A dúvida: será que terá aula amanhã? A indignação: mais um dia sem aula!

A aprendizagem do aluno não pode ficar comprometida e com certeza inúmeras reflexões poderiam ser feitas diante dessas atuações tão difíceis de imaginar e sentir o que realmente esses protagonistas sentem, já que, sentimentos como tristeza, decepção, anseio, raiva, indignação vem à tona. Separando o imaginário do real, indo para o chão da escola, na situação, percebe-se nas atuações apresentadas pelos protagonistas dessa realidade muito comum, outro protagonista que perpassa todo esse movimento - o Aplicativo Digital de comunicação Whatsapp - a tecnologia pertencente a uma das ferramentas das Novas Tecnologias Digitais utilizada como forma de comunicação imediata. Nele há possibilidade de amenizar os riscos iminentes e compartilhar as ações a serem tomadas.

Vale ressaltar que dados recentes solicitados pela Opinion Box em abril de 2021 revelam que o Aplicativo Whatsapp é um absoluto sucesso no Brasil:

> A pesquisa foi realizada com 1.992 usuários do Whatsapp no Brasil e constatou que quase todos os donos de smartphones utilizam o aplicativo: 98% deles têm o app instalado em seus smartphones, e 86% deles fazem uso do Whatsapp diariamente. (SALGADO, 2022).

O aplicativo de comunicação imediata Whatsapp, se põe como significativo meio de divulgação da aula remota. Esse tipo de aula irá suprir a necessidade de ensino-aprendizagem das escolas com sociabilidade violenta. Os professores dessas escolas devem mergulhar neste universo incorporando as Novas Tecnologias Digitais, não como um cilindro de oxigênio a mais, mas como fôlego para a superação da realidade que a assola. O Projeto desenvolvido demonstra que é possível usar as novas tecnologias digitais e a Internet para superar as barreiras da comunicação e para as possibilidades educacionais.

Nesse sentido, observando através de pesquisa de campo, o movimento das Novas Tecnologias Digitais na Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, elencamos um sólido e revelador diálogo realizado no primeiro encontro com a equipe pedagógica - o professor que percebe as dificuldades em desenvolver habilidades em meio à violência.

Dentre os 16 professores generalistas, conhecidos como PII que pertencem ao quadro docente da escola, 13 participaram do diálogo onde expuseram sobre temas como: conhecimento do termo Novas Tecnologias Digitais, utilização das Novas Tecnologias Digitais nas práticas pedagógicas e as consequências do impedimento das aulas presenciais no aprendizado do aluno.

Nesta oportunidade, foi esclarecido sobre a Pesquisa a ser desenvolvida na Unidade. Todos os participantes declararam conhecer o termo Novas Tecnologias Digitais e que costumam utilizá-las em sua prática pedagógica na forma de vídeos pela Plataforma do Youtube e do vasto material pedagógico tanto para o professor quanto para o aluno na Plataforma Rio Educa em Casa disponibilizada pela Secretaria Municipal do Rio de janeiro.

Foram unânimes ao declararem que o conhecimento e a utilização das Novas Tecnologias Digitais na prática pedagógica se deram pelo advento da Pandemia pela COVID-19. Assim relataram: “Na marra conheci e utilizei”, “Foi uma avalanche de informações”, “Me senti como uma aluna, mas consegui vencer as dificuldades iniciais”. Os professores são envolvidos com o propósito da educação com afeto, pois os alunos são moradores da comunidade com sociabilidade violenta, a escola está inserida dentro desse contexto e cada professor se envolve com a educação inclusiva e não abrem mão do seu magistério.

No desenrolar do diálogo, constatamos que a situação provocada pela COVID-19 ao assolar o planeta e impor o fechamento das Unidades Escolares, apareceram nomenclaturas nunca ouvidas antes por esse grupo e outros professores, como aulas remotas, atividades assíncronas, metodologias ativas que chegaram arrombando as portas das “novas salas de aula” - computadores, smartphones - com o agravante do completo desconhecimento dos professores. Tais conhecimentos só permeavam, até então, nos artigos e nas faculdades. Bem longe do chão da escola e das mentes “professoris”.

Figure 13. Imagem do primeiro encontro com os Professores Generalista - Professor II da E.M. Zilda Nunes da Costa sobre a Pesquisa a ser desenvolvida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.”

Diante da sociedade conectada, a escola de hoje precisa oportunizar profundas mudanças com possibilidades de aprendizagens. Nossos professores estão dedicados e dispostos a usar tecnologias digitais:

> Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes. Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada. (ALMEIDA & VALENTE, 2012)

Outros encontros para roda de conversas com as professoras foi importante para perceber os conhecimentos prévios para o desenvolvimento da pesquisa. Todas as participantes confirmaram que possuem experiências na utilização das Novas Tecnologias Digitais como ferramenta facilitadora na forma de ensino tanto presencial quanto remoto. Ampliaram o diálogo afirmando acreditar que na modalidade de ensino remoto seja possível acontecer à aprendizagem, desde que seja bem elaborado e dependendo das possibilidades do aluno e da aluna ao acesso às Novas Tecnologias Digitais por meio de um dispositivo tecnológico e internet.

O momento de escuta dos professores enriqueceu o escopo da pesquisa com os relatos acerca da importância da pesquisa no contexto em que estão inseridas.

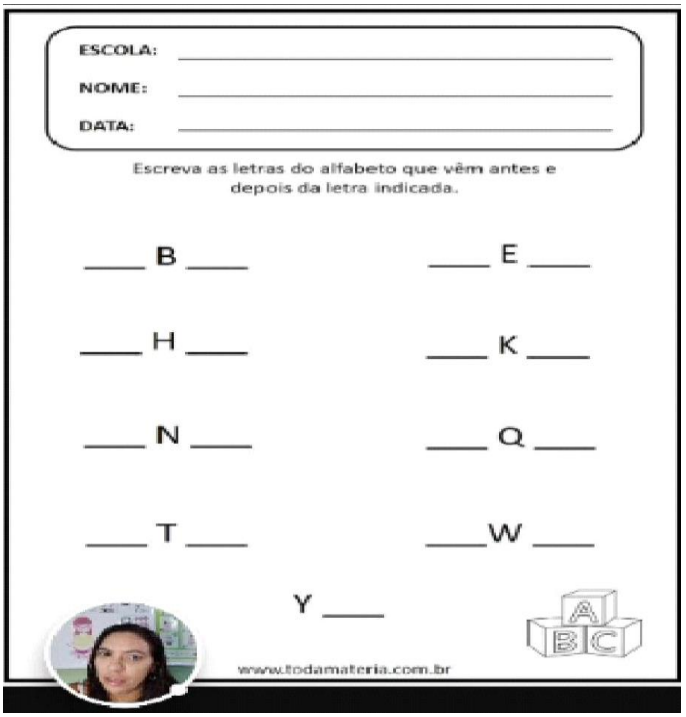
Ainda assim, a experiência com o Aplicativo Google Play Games na construção do “Plano de Aula Emergencial” possibilitou que o professor percebesse o quanto as Novas Tecnologias Digitais causam positivas e surpreendentes surpresas diante do produto produzido.

Abaixo, as falas dos professores colaboradores ao utilizarem o aplicativo Play Games e a análise do produto Plano de Aula Emergencial.

Professor Colaborador 1

“Super fácil de manusear! É um facilitador por ter imagem e som e a possibilidade do professor explicar a atividade. Uma ferramenta a mais para alcançar o aluno na atividade remota”.

Figura 14. Atividade do ‘Plano de Aula Emergencial’.



Fonte: Atividade produzida e ministrada pelo Professor Colaborador 1 no Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

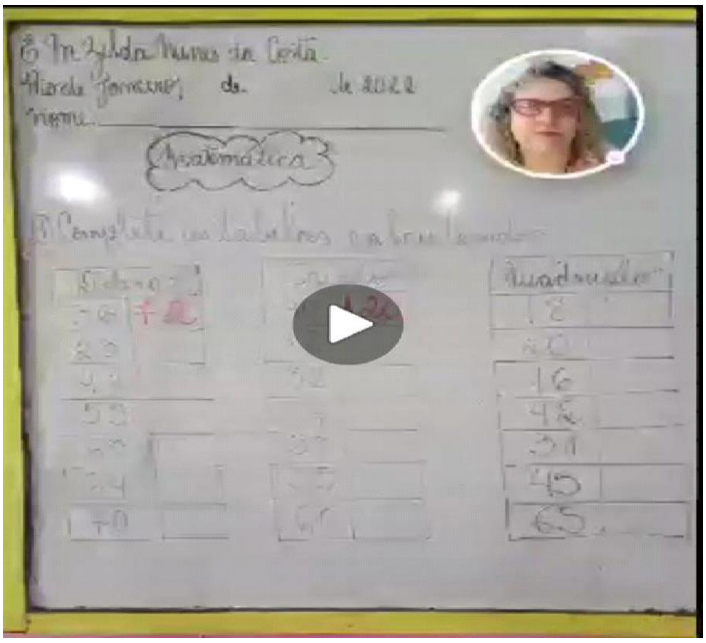
Foi muito gratificante ver que se consegue superar as condições inóspitas que muitas vezes confrontam a educação. As palavras da professora são o resultado do afeto, de escolhas técnicas a que nos dedicamos para superar as dificuldades de

conduzir as aulas presenciais em locais de confronto armado como este no qual se localiza nossa escola.

Professor Colaborador 2

“Apesar da dificuldade para baixar o aplicativo, é uma ferramenta a mais no processo de ensino-aprendizagem na modalidade remota. Particularmente, achei a ferramenta bem legal. Recomendaria para meus colegas de profissão.”

Figura 15. Atividade do ‘Plano de Aula Emergencial’.



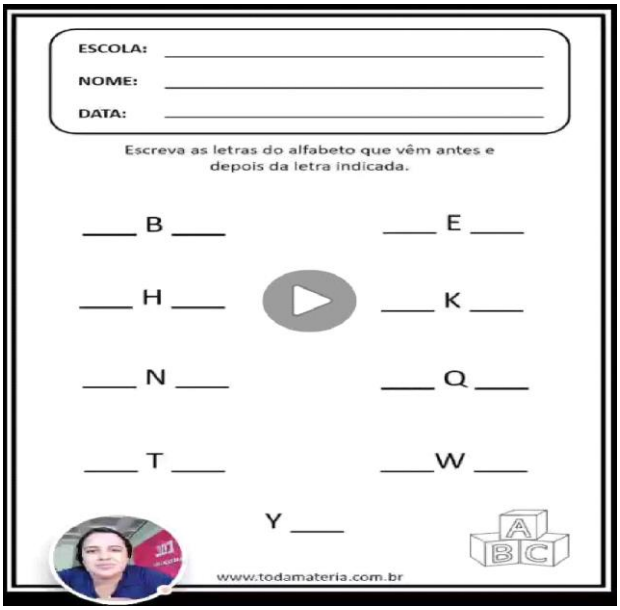
Fonte: Atividade produzida e ministrada pelo Professor Colaborador 2 no Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

As facetas das Novas Tecnologias Digitais é oportunizar o conhecimento que acelera as mentes, derrubar os obstáculos e mostrar as inúmeras possibilidades para determinadas situações. Na inconformidade pelos impedimentos pedagógicos devido à sociabilidade violenta em seu entorno, este professor da E.M. Zilda Nunes da Costa se permitiu experimentar. Fascinou-se de forma a desejar ser um multiplicador da ideia e da utilização do recurso. “O Compartilhamento é o ‘Fruto do Conhecimento’ gerado pelas Novas Tecnologias Digitais da Educação”. (EVANGELISTA, 2022).

Professor Colaborador 3

“Até é fácil criar a aula remota utilizando o aplicativo Play Games, o difícil é a timidez que tenho. Mas depois que fiz e vi o resultado, me empolguei!”

Figura 16. Atividade do “Plano de Aula Emergencial”.



Fonte: Atividade produzida e ministrada pelo Professor Colaborador 3 no projeto “Com licença violência, eu quero estudar.”

É fantástico o resultado para o profissional que experimenta as Novas Tecnologias Digitais da Educação! Limites eliminados e obstáculos superados. Emociona ao ver que o professor permitiu se envolver nesse grande e importantíssimo movimento pela educação, pela criança impedida de ter aula presencial. Por sua vez, comprova-se que as Novas Tecnologias Digitais da Educação, mais uma vez, cumpriu com a tríade de seu surgimento - envolver, promover e transformar.

5.5 Implementação do projeto “Com licença violência, eu quero estudar” – o plano de aula emergencial

Para a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” se fez necessárias mobilizações prévias que contou com a interação entre o Coordenador Pedagógico, professor, criança e responsáveis.

O Coordenador Pedagógico, ciente do Projeto a ser desenvolvido, criou para cada turma um grupo no aplicativo Whatsapp.

Figura 17. Grupos no Whatsapp por turma – estreitando laços.



Fonte: Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

Destinado aos responsáveis dos alunos e das alunas para que as relações fossem estreitadas, os grupos criados para o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” também foram aproveitados para avisos, orientações, diálogos… foi um período essencial para que o responsável se familiarizasse com o recurso Tecnológico Digital como uma extensão das relações escola/comunidade.

Para surpresa dos envolvidos na pesquisa, a SME - Secretaria Municipal da Educação publicou a Resolução SME nº 333 que vem de encontro com o objetivo da pesquisa:

> Dispõe sobre tratamento excepcional a ser concedido em caso de comprometimento da frequência presencial dos discentes da Rede Pública Municipal de Ensino residentes em áreas de riscos e/ou que frequentam Unidades Escolares situadas em áreas de riscos de violência e de situação de conflito armado. (RESOLUÇÃO SME, Nº333, DE 13 DE JULHO DE 2.022)

Na Resolução há orientações para Unidade escolar em caso de seu fechamento excepcional:

> Art. 5 - A Unidade Escolar deverá, quando possível e de acordo com sua realidade local, manter o seu vínculo com os discentes, promovendo as devidas orientações pedagógicas às famílias, aos responsáveis legais e aos próprios discentes, no período da excepcionalidade, utilizando-se dos canais de comunicação disponíveis, como, por exemplo, ligações telefônicas, e-mails, aplicativos, plataformas virtuais, dentre outros. (ART. 5 DA RESOLUÇÃO SME, Nº333, DE 13 DE JULHO DE 2.022)

As orientações são específicas para assegurar o dia letivo do discente impedido de frequentar a aula presencial:

> Art. 6º. Como forma de compensação aos não comparecimentos presenciais às aulas deverão ser planejados e ofertados, pelos docentes da respectiva Unidade Escolar, planos de estudos e atividades pedagógicas para atendimento aos discentes que se enquadrarem nos casos previstos no Art. 1º desta Resolução. (ART. 5 DA RESOLUÇÃO SME, Nº333, DE 13 DE JULHO DE 2.022)

A Resolução SME nº 333 vem de encontro aos anseios da comunidade escolar. Possibilita que esse público alvo, crianças que estudam em área com entorno de sociabilidade violenta, sejam asseguradas no que concerne ao seu direito de estudar. É mais uma legitimação da pesquisa dando ao Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, respeito entre a comunidade. Não sendo uma pesquisa utópica criada pela mente da pesquisadora.

A ação seguinte foi aproveitar a reunião do 2º bimestre para os responsáveis e colocar na pauta a Pesquisa, o Projeto e a Resolução SME nº333. A reunião proporcionou esclarecimento para os responsáveis e momento de escuta.

Figura 18. Reunindo os responsáveis – esclarecendo sobre o Projeto.



Fonte: Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

Foi importante ouvir os anseios dos responsáveis. Deixaram claro que a experiência com as Novas Tecnologias foi traumática no ápice da Pandemia pela COVID-19. Relataram: “Não gosto de aula pelo celular!”. “Não aprendem nada!”,

“Não tenho celular para isso!”. A reunião foi tensa! Foram ouvidos todos os anseios e respeitados. É compreensível, pois foi exigido do responsável, no período em que as escolas fecharam devido a Pandemia, um conhecimento, um tempo que a maioria deles não tinham. Como disseram: Foi traumático! Nesse momento, foi preciso clareza de que forma iria acontecer a implementação do Projeto. Foi dada a data aos responsáveis para a simulação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!" e depois partimos para esclarece os alunos e as alunas.

Para a fidedignidade da pesquisa, a implementação ocorreu antes da data marcada para a simulação. Foi a “vera”! Tudo estava encaminhado. Então, bastou a Coordenadora Pedagógica enviar às atividades, ou seja, o “Plano de Aula Emergencial" pelos grupos do whatsapp. E assim foi feito! Dever cumprido! Momento de emoção, misto de sentimentos. O ato pedagógico chegava até às crianças que foram impedidas de terem a aula presencial. Dessa vez, o grito ecoado que prevaleceu na Unidade Escolar foi: “Com Licença Violência, ~~Eu Quero~~ Vou Estudar".

5.6 Avaliação do ensino-aprendizagem após o projeto “Com licença violência, eu quero estudar!”

Como diz o provérbio “Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”. É nessa alusão que foi promovido o ato pedagógico para as crianças impedidas de frequentar a aula presencial: “Se o aluno não vai ao ato pedagógico, o ato pedagógico vai ao aluno”. Como todo ato pedagógico, seja ele presencial ou remoto, requer a avaliação do objetivo proposto. Porém, a avaliação no primeiro momento foi voltada para o aluno em relação a sua aprendizagem nessa modalidade de ensino. Para tal, a avaliação se deu na perspectiva da Avaliação Mediadora “que contempla como foco central o aluno, conhecendo-o, ouvindo seus argumentos e propondo questões novas e desafiadoras, de forma a orientá-lo por um caminho voltado à autonomia moral e intelectual.” (JUSSARA HOFFMANN, 2009)

Neste sentido, ouvir o aluno nesse momento é fundamental. Por isso, a escolha da roda de conversas para entender como se deu o processo de aprendizagem na forma remota assíncrona.

Figura 19 – Avaliação – Roda de conversas

Figura 19. Avaliação – Roda de conversas.



Fonte: Projeto “Com licença Violência, Eu Quero Estudar!”

A ordem nesse bate papo é escutar! Sim, escutar despida de preconceitos, julgamentos. Foi o diferencial na roda de conversas com eles que é a razão de toda a Pesquisa. Momento de ficar atenta a cada manifestação em relação à experiência deles com essa forma de ensino seja ela de elogios ou críticas. Ouvi-los, contribuirá dando significado à produção, ao processo e ao produto no Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”. Algumas manifestações deram um olhar diferenciado para a avaliação da aprendizagem: "tia, amei ver minha professora me ensinando lá em casa!”, “Ela explicou direitinho e eu ‘sube’ fazer”, “Gostei!”, “parece que a aula foi só pra mim. Achei melhor!”.

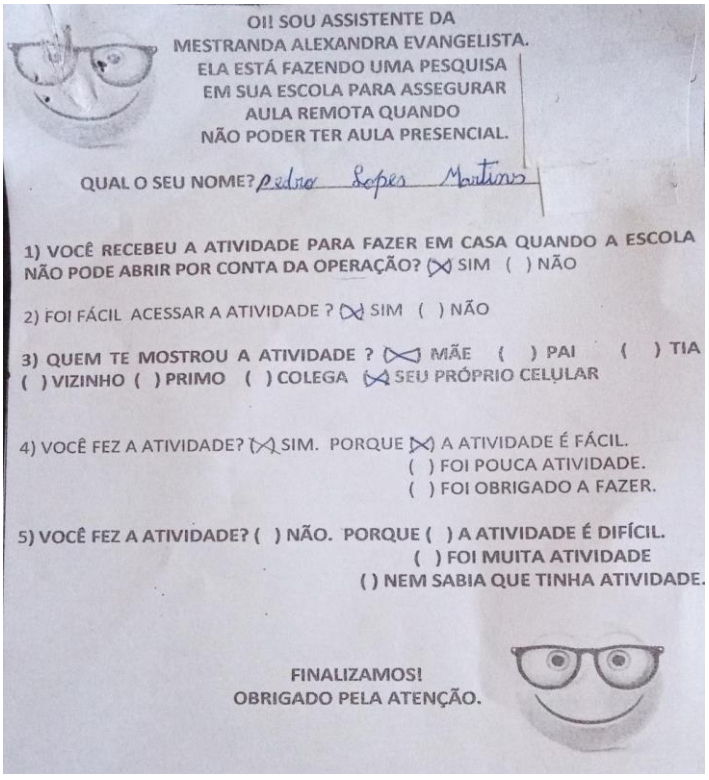
O professor, participante da roda de conversa, atento, relacionou alguns relatos ao desempenho de certos alunos e a algumas negativas em relação à atividade proposta. Nesse momento e nos posteriores, como profissional reflexivo, colocaram em prática os fundamentos da teoria da prática reflexiva, composta de três ideias centrais: a reflexão-na-ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão-na-ação. (DONALD SCHON, 1992)

5.7 Avaliação do projeto “Com licença violência, eu quero estudar!” - a construção do modelo do “plano de aula emergencial.”

Enfim, o momento de avaliar a parte prática da Pesquisa: O Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”. Para tal, o feedback[3] dos professores, alunos, alunas e responsáveis apresenta uma avaliação satisfatória sobre o Projeto. Em relação aos professores, foi constatado que após a implementação da Pesquisa, através de questionário, que todos os docentes continuavam com a opinião positiva sobre o Projeto. Um deles justificou a resposta escrevendo: “dessa maneira não expõe a criança ao perigo do tiroteio, assegura de certa forma a aula e fortalece a interação entre a Unidade Escolar e a família, já que, geralmente, o celular é do responsável.”; em relação aos alunos, na roda de conversa, demonstraram conforto em utilizar essa forma de aula remota. Como relataram: “Foi tranquilo!”.

A roda de conversa não foi apenas a única forma de feedback dado por eles. Na turma 1.501 foi aplicado um questionário para compor a avaliação. Vejamos:

Figura 20. Questionário Avaliativo – a experiência com o Projeto.



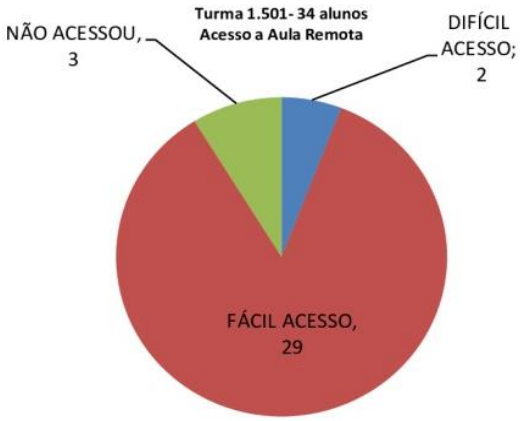
Fonte: Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

[3] *Feedback* é uma palavra de origem inglesa e significa, de forma não literal, uma resposta ou reação a algo.

Foi gratificante constatar que nessa turma com 34 alunos, 31 deram retorno das atividades. O questionário, dentre outras descobertas, proporcionou entender como os alunos receberam a atividade e a participação dos responsáveis.

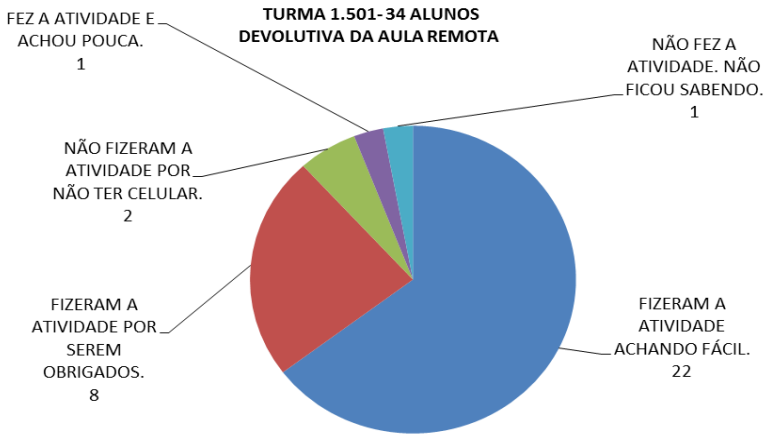
Os gráficos a seguir, refletem as devolutivas da implementação do Projeto permitido a avaliação:

Gráfico 2. Sobre o acesso dos alunos do 5º ano, na implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.



Analisar um gráfico demonstrando que numa turma com 34 alunos, 29 acessaram com facilidade a aula remota, é de imensa alegria pedagógica. Esse gráfico aponta vários questionamentos: o acesso à internet está se ampliando? O whatsApp se configura na forma mais ampla de divulgação para o estudante? A comunidade onde está inserida E.M. Zilda Nunes da Costa tem amplo acesso à internet? Essas respostas até precisam de mais pesquisas. Entretanto, a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!" responde sobre o poder das Novas Tecnologias Digitais da Educação na escola e para além de seus muros.

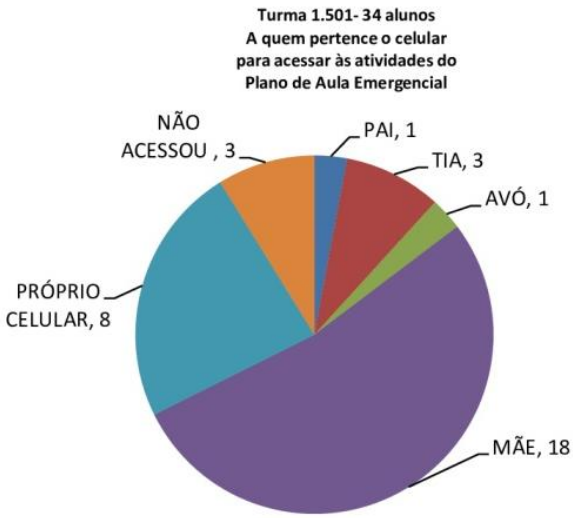
Gráfico 3. Devolutiva da atividade da aula remota pelos alunos do 5º ano, na implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.



Neste gráfico vemos quantos alunos conseguiram concluir a atividade proposta no Projeto destacando a facilidade. Sem dúvidas, "a prática pedagógica a bordo da extraordinária máquina das novas Tecnologias Digitais da Educação, conduziu o sujeito/boneco para além das turbulências da violência e o fez aterrissar no solo fértil do conhecimento no Aeroporto das Possibilidades." O gozo pedagógico se manifesta a cada análise dos gráficos.

O próximo gráfico demonstra o feedback dos responsáveis em relação à implementação do Projeto:

Gráfico 4. Devolutiva do dispositivo para a aula remota dos alunos do 5º ano, na implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.



Na escolarização, a participação da família no processo de ensino aprendizagem do aluno é imprescindível.

> A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar.
> (GARCIA, 2006, p. 12).

No gráfico percebemos a importância que teve da família da turma do 5º ano para o sucesso da implementação. Trazê-los à responsabilidade do processo, estreitar vínculos por meio do grupo no whatsapp foram ações fundamentais para o resultado do Projeto. A parceria entre a família e a escola resulta em sucesso em todos os aspectos!

O “Projeto Com Licença Violência, Eu Quero Estudar” recebeu muitos elogios de todos que tiveram contato com o processo. Portanto, não há outra avaliação, senão como positiva na vida dos alunos impedidos de estudar presencialmente por conta da sociabilidade violenta presente no entorno de sua escola. São imensuráveis os benefícios trazidos pelo Projeto. Todos ganham: aluno, aluna, professor… sociedade.

5.8 Construção do e-book

A protagonista desta Pesquisa, as Novas Tecnologias Digitais, abrilhanta essa etapa final, com a construção do e-book.

O e-book se trata de um texto que se encaixa nas definições de um livro apresentado em um formato que pode ser lido em computadores, celulares, tablets e outros dispositivos digitais de maneira totalmente adaptável. Dessa forma, a leitura deve ser simples aos olhos, com o estilo e tamanho da fonte se adaptando ao dispositivo utilizado e às preferências do leitor.

> O livro eletrônico se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias (multimídia: textos, sons e imagens) armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação (GAMA RAMÍREZ, 2006, p.12 apud. VELASCO e ODDONE, 2007, p.3).

Diante da fascinante Tecnologia Digital, a Universidade UniCarioca dispõe a Plataforma Proximal aos pesquisadores interessados para acessarem as dissertações e os e-books construídos por seus mestrandos. Uma vasta e enriquecida “biblioteca virtual” de livros digitais.

A Pesquisa desenvolvida nessa dissertação - “Escolas em comunidades com sociabilidade violenta: um estudo etnográfico da educação em comunidades inseridas nas novas plataformas digitais” compõe o arquivo de forma a abrilhantar a Plataforma Proximal.

Figura 21. Capa do e-book.



Fonte: UniCarioca.

O e-book construído para representar a Pesquisa desenvolvida nessa dissertação respeitou a estrutura mínima exigida: capa, sumário, introdução... desenvolvimento, assim como, as medidas necessárias para não comprometer o seu formato quando acessado por celular, tablet, computador ou outros dispositivos digitais.

A plataforma utilizada para a construção do e-book foi a Plataforma Canvas. Os pesquisadores, ao acessarem a Plataforma Proximal da UniCarioca, encontrarão uma versão detalhada da dissertação imprensa com toda a riqueza que as Novas Tecnologias Digitais permitem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens sobre as “Escolas em comunidade com sociabilidade violenta inseridas nas novas plataformas digitais” apontam o potencial para transformar a realidade onde milhares de alunos e alunas são impedidos de irem à escola para frequentar a aula na forma presencial quando há confrontos entre grupos armados e a segurança do Estado. A educação é um direito inegociável que desperta a todos os envolvidos nesta situação a indignação.

No entanto, trágicas situações acontecem com esses alunos que muitas vezes estão na linha de frente desses confrontos, como há o conhecimento de vários casos de alunos que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, desconsiderando as possibilidades trazidas pelas Novas Tecnologias Digitais na Educação. A triste realidade imposta para esses estudantes pode ser minimizada ao contarmos com as Novas Tecnologias Digitais que envolvem, promovem e transformam por onde se estabelece.

O impasse para estabelecer as Novas tecnologias Digitais nas escolas se configura de forma consistente, tanto no âmbito das instalações de equipamentos que atendam as demandas quanto no que tange à qualificação docente. As Novas Tecnologias Digitais estão cada vez mais crescentes na sociedade. Não há como se imaginar sem. Ela é/está inserida de alguma forma nas escolas, seja pelos próprios alunos ou por alguém da equipe e não tem como ignorá-las. Utilizá-las na prática pedagógica vai de encontro a inovações que se estabelecem aceleradamente e da indissociabildade da vida do aluno. Nesse sentido, deixar de atribuir a devida importância das Novas tecnologias Digitais e ao seu uso de modo reflexivo nos meios escolares corresponde a situar-se fora da realidade.

Sob essa ótica, a Pesquisa, amparada pelas Novas Tecnologias Digitais, propôs a possibilidade de minimizar os impactos dos conflitos armados para os alunos inseridos na realidade de serem impedidos de frequentar a aula presencial e prosseguirem com o desenvolvimento das habilidades presentes no Currículo. Propor aula remota assíncrona no desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, associado à prática pedagógica com o aplicativo mais utilizado pela sociedade (Whatsapp), fez toda diferença.

Com relação ao aplicativo usado no Projeto, é notório que o Whatsapp caiu no gosto dos brasileiros como forma imediata de comunicação. Tê-lo como divulgador das aulas remotas assíncronas, possibilitou a simpatia dos responsáveis na parceria

do Projeto. Quebrou literalmente a repulsa pela complexidade de aulas remotas ofertadas no período da Pandemia pela COVID- 19, onde os responsáveis necessitavam acessar plataformas com nível de complexidade que desestimulava qualquer acesso. A dificuldade encontrada por eles acabava sendo muito maior do que a necessidade escolar de seus filhos. Sem contar que para os acessos deveriam ter disponibilidade de internet nos dispositivos, consumindo os dados móveis. Transtorno à parte, a pesquisa veio dar uma virada na relação dos responsáveis com as Novas Tecnologias Digitais na Educação. Refiro-me aos responsáveis por geralmente serem a ponte entre as aulas remotas assíncronas e os alunos, já que, na maior parte, são os que possuem dispositivo com a internet.

Desta forma, valendo-se da ideia que os elementos que compõe o desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” precisam estar sincronizados para o Projeto prosseguir pela via do sucesso, o aplicativo Play Games entra em cena levando o professor protagonizar a prática pedagógica com um toque todo especial. O aplicativo surge como o diferencial dentre todos os modelos de aula remota vista até o momento. Permitir que o aluno de forma simples visse e ouvisse seu professor, é magnífico! É a “cereja do bolo”! E quem come esse bolo? Esse aluno privado do direito de assistir a aula presencial em dias de confronto armado.

Com base nessa organização para a produção e implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, o professor protagoniza o papel central na produção do Plano de Aula Emergencial - Aula Mãe. Trata-se de uma atividade impregnada de intenções pedagógicas. A atividade é selecionada para dar continuidade no desenvolvimento das habilidades presente no Currículo. O cuidado na escolha da atividade perpassa o desenvolvimento das habilidades. Faz-se necessário estar atento na quantidade, na qualidade e na complexidade. É uma atividade para a aula remota, proporcionar confiança para o aluno fazer a atividade é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Embora esteja fora do controle do professor, precisa-se levar em consideração não saber em que ambiente, em qual momento e em quais condições o aluno fará essa atividade.

No que diz respeito ao papel do professor na produção do Plano de Aula Emergencial foi o momento onde ele se despiu dos preconceitos em relação às Novas Tecnologias Digitais, ainda que conscientes ou inconscientes, mergulhando profundamente nesse ambiente das possibilidades. Para a produção foi preciso à

intimidade com o aplicativo Play Games e para isso, o Roteiro Pedagógico foi de grande valia para sua autonomia. Entretanto, sem dúvidas, trazê-lo à reflexão da importância da pesquisa; ampará-lo com conhecimentos para ultrapassar os limites do desconhecido, já que, muitos deles não havia tido contato com essa Tecnologia Digital na produção da prática pedagógica; fortalecendo-o lado a lado para superar os obstáculos do “não sei!” / “não gosto!” / ”não consigo!” colaborou significativamente para o lindo produto pedagógico. Não foi fácil! Entender que naquela produção o público alvo - o aluno - já o conhecia e que nada de diferente deveria fazer e sim, agir com naturalidade, como faz em sala de aula, não tornou o processo de produção simples. Respeitar os limites e o tempo de cada professor trouxe a segurança da produção. Ao assistir o produto final, é de encher a alma de orgulho a esse profissional que não mede esforços. Realmente “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” (FREIRE, 2009)

Os professores da E. M. Zilda Nunes da Costa declararam ao encarar corajosamente a produção do Plano de Aula Emergencial que estão preparados para defender a ação pedagógica do impedimento de sua atuação por conta dos confrontos armados em seu entorno. O grito ecoado nesse momento foi: “Com Licença Violência, Eu Vou Dar Aula!”. Após verem as produções finalizadas um do outro, elogios e mais elogios os contagiaram. A história nesse momento mudou. O profissional passivo diante da triste realidade agora se transformou no profissional ativo, empoderado para as possíveis transformações e agradecido imensamente às Novas Tecnologias Digitais. A aula remota deixou de ser o “monstro pandêmico”! Ótima notícia para os alunos e toda comunidade escolar!

Portanto, tudo estava pronto para a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero estudar!”. Alunos, alunas, professores, responsáveis, ou seja, toda comunidade escolar preparada para a simulação do Projeto que por surpresa pedagógica, houve o real fechamento da Unidade Escolar. A certeza da competente produção do Plano de Aula Emergencial, dos grupos de Whatsapp por turma criada principalmente para esse momento e da entrega de todos os envolvidos, deu a segurança necessária para a implementação.

Como ação bem vinda, ainda que tardia - “mas antes tarde do que nunca”, como diz o ditado popular - é publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro a Resolução da SME nº 333 que chega para consolidar a importância da Pesquisa.

Após a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero estudar!”, se deu a avaliação dos envolvidos na aula remota - alunos, alunas, professores e responsáveis. A avaliação nessa etapa se configura na possibilidade de rever os processos para possíveis adequações. Os pesquisados foram unânimes em afirmar que o Projeto é uma proposta importante para a realidade das escolas inseridas em comunidades com sociabilidade violenta. Entretanto, ao se aprofundar na avaliação de cada um dos atores envolvidos, através de roda de conversas e questionário, verifica-se: que os professores em geral, acreditam no Projeto e que as Novas Tecnologias Digitais na Educação é um poderoso meio de possibilidades para a superação da situação enfrentada por eles; os alunos, em sua maioria, conseguiram acessar a atividade achando fácil e que foi tranquilo realizá-la; a parceria dos responsáveis com o expressivo quantitativo de alunos que realizaram a atividade e de quem era o dispositivo para acessarem a aula remota. Percebeu-se o envolvimento de muitos membros da família, demonstrando que a Pesquisa foi abraçada pela maior parte da comunidade escolar.

Segundo a análise dos gráficos realizada após a implementação do Projeto através da roda de conversas e do questionário com os alunos, demonstraram que esse público, nessa comunidade, o acesso à internet é expressivo. Foi constatado que numa turma composta por 34 alunos, apenas 02 alunos não fizeram a atividade por não ter celular e 01 aluno por desconhecer a postagem da aula remota feita no grupo - de repente o responsável não participa do grupo no whatsapp. Esses dados fortalecem o uso das Novas Tecnologias Digitais da Educação e é assertivo para inúmeras situações, tanto o vivido pela Unidade Escolar quanto para o enriquecimento da prática pedagógica. A amostra foi de grande riqueza ao ponto de fornecer elementos para desenvolver outras pesquisas.

Quanto aos objetivos estabelecidos pela Pesquisa, “Escolas em comunidade com sociabilidade violenta: Um estudo etnográfico da educação em comunidade inserida nas novas plataformas digitais" foram alcançados com louvor. As Novas Tecnologias Digitais na Educação produziu na Unidade Escolar Municipal Zilda Nunes da Costa um produto que deu conta da demanda exigida pela situação vivenciada por ela, possibilitando aos alunos em dia de impedimento de aula presencial o desenvolvimento das habilidades presente no Currículo. E foi além, aliaram-se com o corpo docente em prol de práticas pedagógicas assertivas tanto para aula remota, como para aula presencial.

Em seus depoimentos os professores que não tinham as Novas Tecnologias Digitais da Educação incorporadas na prática pedagógica, confessaram que o Projeto desmistificou as aulas remotas, “o monstro pandêmico" foi derrotado e que a partir dessa experiência procurará se envolver e acreditar nas possibilidades de promover, através das Novas Tecnologias Digitais, o desenvolvimento de habilidades na forma remota e/ou presencial. Sendo assim, mais uma vez as Novas tecnologias Digitais da Educação confirma a tríade de seu objetivo - envolver, promover e transformar.

Desse modo, percebe-se como ponto alto do Projeto a oportunidade que o professor, o mediador do conhecimento, tem de criar, experimentar, flexibilizar e adaptar o Plano de Aula Emergencial para as necessidades pedagógicas. Trata-se de condições vencedoras que descortinam perspectivas promissoras para uma brilhante aula remota, além de fomentar o uso das Novas tecnologias Digitais da Educação como potencializador do ensino aprendizagem para esse público alvo e de não passar um verniz na situação das escolas inseridas em comunidades com sociabilidade violentas que, por muitas vezes no ano letivo, fecham suas portas, descartando literalmente no lixo, um valioso dia do mundo do conhecimento para o aluno e a aluna.

Também, assim como houve mobilização para garantir às aulas, por meio remoto, nos dias tenebrosos da Pandemia pela COVID-19, assim também, se faz necessário assegurar dia/aula, para esses alunos e alunas que são impedidos de assistirem aula presencial. Porém, que sejam aulas remotas em que os professores participem do processo de produção, já que, conhece sua turma, seus alunos, de forma que os alunos se sintam, nesse dia atípico, acolhidos por eles.

Ao considerar essa assertiva, deduz que o grupo pesquisado reconheceu a importância da Pesquisa, que ela veio ao encontro de seus anseios, que sua participação na produção foi importante para o pertencimento no Projeto e as possibilidades de poderosas transformações para a prática pedagógica, haja vista declarem em seus discursos que se surpreenderam com o produto final possibilitado pelas Novas Tecnologias Digitais.

Ao apresentar tais reflexões, assinala-se a necessidade permanente de discussões sobre a contribuição das Novas Tecnologias Digitais da Educação nos espaços escolares como provedor de possibilidades para as mais diversas situações vivenciadas nesses espaços e na prática pedagógica. Nesse sentido, os desafios

são imensos. Ela precisa ser pensada de maneira que todos os envolvidos na educação busquem de forma contínua e entusiástica, competências técnicas e pedagógicas no uso inteligente das Novas tecnologias Digitais, permitindo que o dia/aula dessas escolas inseridas em comunidades com sociabilidade violenta seja assegurado mesmo em dias que são obrigadas a fechar, deixando por vezes, que o direito de estudar dos alunos não seja mais violado.

A continuidade de estudo sobre o tema da pesquisa “Escolas em comunidade com sociabilidade violenta: Um estudo etnográfico da educação em comunidade inserida nas novas plataformas digitais" certamente irá propor novos desdobramentos, levantará outras perspectivas, além de futuras investigações que inexoravelmente contribuirão para a melhoria do entendimento das relevantes questões que envolvem a situação dessas escolas inseridas em sociabilidade violenta.

A luz dos resultados dessa pesquisa compete-nos enaltecer os envolvidos - a equipe gestora e pedagógica da Unidade Escolar Zilda Nunes da Costa ao colocarem “a mão na massa” e construírem um consistente Plano de Aula Emergencial; aos alunos, alunas e aos responsáveis, que entenderam a importância do Projeto e participaram com toda responsabilidade que exigiu o momento; aos aplicativos Whatsapp e Play Games que fez toda diferença na produção e divulgação do Plano de Aula Emergencial, tais com a toda poderosa Novas Tecnologias Digitais da Educação, objeto deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de & VAZ, Lilian Fessler. Sobre a origem das favelas. In. **IV Encontro Nacional da ANPUR**, Salvador, 1991.

ALMEIDA, M. E. B. & VALENTE, J. A. **Tecnologias e Currículo:** trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

ATIÉ, Lourdes. Editorial. **Pátio-Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano 3, n. 10, p. 3, ago /out, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21/08/2021

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 29 jun. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei Nº. 9394/96. Brasília - DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Caderno 1 - Conselhos Escolares: democratização da escola e construção da cidadania**. Brasília – DF, 2004 Disponível em: < //efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad1.pdf > Acesso em: 20 nov. 2020.

CARVALHO, Janaina. Conheça a história da 1ª favela do Rio, criada há quase 120 anos. **G1 Rio.** 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1- favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html> Acesso em: 20 jan. 2023.

CAVALCANTI, Mariana. Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: Notas etnográficas de uma favela carioca. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, v.1 n.1, p. 35-59, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7134> Acesso em: 20 mar. 2021.

COSTA, S. M.. **A influência dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)- Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al. **Pesquisa em rede**: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento. Fortaleza: EDUECE, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso. 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível alfabético**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990. (Didática da alfabetização, v. 1).

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.

KENSKI, V. M.. **Educação e tecnologias:** O novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem Mediada pela Tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.

LALUEZA, José Luis; SILVA CAMPS, Isabel Crespo. **As tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, Curitiba, 18 abr. 2019. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf"> Acesso em: 28 mar. 2021.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio (org.) **Vida sob cerco**: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004. p. 35-46.

MAGALHÃES, Luana. FGV EAESP divulga a 31ª Pesquisa anual do uso de TI no Brasil. **SEGS.** 4 jun. 2020. Disponível em: **<**https://www.segs.com.br/educacao/234532-fgv-eaesp-divulga-a-31-pesquisa-anual-do-uso-de-ti-no-brasil>. Acesso em: 18 mai. 2021.

MATTA, Xênia. Como usar o Play Games para gravar suas aulas. YouTube. [Video]. 23 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AKyvosLkng4>. Acesso em 24 nov. 2021.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Mário da Silva (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. Novas tecnologias, educação e contemporaneidade. **Práxis Educativa**, v. 1, n. 1, p. 77-86, 2006.

NOVAES, Henrique T.; DIAS, Rafael de B. Construção do marco analítico-conceitual da Tecnologia Social. In: **Tecnologia social**: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas, SP: Komedi, 2010.

SALGADO, Danielle. Whatsapp no Brasil: pesquisa revela dados sobre o comportamento do brasileiro. **Blog Opinionbox**. 14 set. 2022. Disponível em < https://blog.opinionbox.com/pesquisa-whatsapp-no-brasil/> Acesso em 20 jan. 2023.

SANTOS, Ana Luiza & JACOB, Edgar. Ensino público de educação básica, por que tão falho?. **Jacobsconsultoria**. 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www.jacobsconsultoria.com.br/post/ensino-p%C3%BAblico-de educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-por-que-t%C3%A3o-falho> Acesso em: 15 jan. 2021.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, Antônio (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SME – SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Decreto nº 1.303**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/47361Res%20SME%201303_2014.pdf.> Acesso em: 11 set. 2020.

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 333**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4538> Acesso em: 17 ago. 2022.

SILVEIRA, Patrícia Aparecida Lopes. **Com a palavra, os professores alfabetizadores:** produção e troca de saberes em um curso de extensão. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TORRES, Ana Carolina & WERNECK, Antônio. Levantamento mostra que um terço das escolas municipais do Rio fica em áreas de confrontos. **Jornal O Globo**. 26 set. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/levantamento-mostra-que-um-terco-das-escolas-municipais-do-rio-fica-em-areas-de-confrontos-23975258.html>. Acesso em 20 jan. 2023.

VELASCO, J. & ODDONE, N. O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica. In. **Anais do VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, out. 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf>. Acesso em 11 out 2009.

VELHO, Gilberto. **Cidadania e Violência.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV. 1999.

VIVENDOBAURU. Que tipo de sistema operativo é o android. **Blog Vivendobauru**. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.vivendobauru.com.br/que-tipo-de-sistema-operativo-e-o-android/> Acesso em: 14 de mai. 2022.

WALLON, Henri. Prefácio. In: MERANI, A. **A psicologia infantil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.